

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade (CPDA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

**Área Temática: Agro-Bioenergia
Período de Análise: março de 2011.**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico Biodiesel Br
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Revista Isto é Dinheiro Rural
Revista Globo Rural
Agroanalysis
Carta Capital
Biodiesel Br

Índice

| | |
|--|-----------|
| AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL | 5 |
| Biodiesel..... | 5 |
| Brasil Ecodiesel e Petrobras fazem acordo – Biodiesel Br – 02/03/2011 | 5 |
| Petrobras investe R\$ 8,6 milhões em programa para a agricultura familiar – Biodiesel Br – 02/03/2011..... | 5 |
| Petrobras Biocombustível tem prejuízo milionário em 2010 – Biodiesel BR – 02/03/2011..... | 6 |
| Cresce instabilidade na indústria de biodiesel - Valor Econômico - Agronegócios - 17/03/2011 | 7 |
| Brasil Ecodiesel fecha 2010 com prejuízo de 22,9 milhões – Biodiesel Br - 30/03/2011 | 8 |
| Brasil Ecodiesel tem prejuízo de R\$ 22,9 milhões em 2010 – O Globo – 30/03/2011..... | 9 |
| Etanol | 9 |
| Bioenergy e GE fecham contrato de R\$ 1,4 bi - Valor Econômico - Empresas - 01/03/2011..... | 9 |
| Petrobrás cria empresa de logística para área de etanol – Kelly Lima e Eduardo Magossi – Economia – O Estado de São Paulo – 02/03/2011 | 10 |
| Equador faz sua escolha entre floresta e petróleo - Daiella Chiaretti - Valor Econômico - Especial - 03/03/2011 | 11 |
| Nova alta faz álcool custar mais de R\$ 2 – Mauro Zafalon – Mercado – Folha de São Paulo – 05/03/2011..... | 15 |
| Setor da cana deixa de faturar R\$ 7,5 bi com deficit de etanol – Marcos Fava Neves – Mercado – Folha de São Paulo – 05/03/2011 | 16 |
| Petrobrás deve R\$ 46 bilhões a bancos oficiais – Capa – O Estado de São Paulo – 06/03/2011..... | 17 |
| Petrobrás deve R\$46 bi a bancos oficiais – Raquel Landim – Economia – O Estado de São Paulo – 06/03/2011 | 17 |
| Petrobrás precisará de mais dinheiro – Raquel Landim – Economia – O Estado de São Paulo – 06/03/2011..... | 18 |
| Canteiro de obras da usina de Belo Monte começa a ser instalado - Mercado – Folha de São Paulo – 08/03/2011 | 19 |
| Locke indica que política sobre etanol pode mudar - Sergio Leo - Valor Econômico - Brasil - 10/03/2011 | 19 |
| Transpetro abre concorrência para comprar 80 barcaças para etanol - Fernando Góes - Valor Econômico - Empresas - 10/03/2011 | 22 |
| Bertin reestrutura operação na área de açúcar e etanol – Eduardo Magossi – Economia – O Estado de São Paulo – 11/03/2011..... | 23 |
| Grupo britânico BP investe no etanol brasileiro – O Globo – 11/03/2011 | 24 |
| ETH Bioenergia avança em pesquisa com cana - Fabiana Batista - Valor Econômico - Agronegócios - 11/03/2011..... | 25 |
| Petrobrás segura preço ‘até quando der’ – Irany Tereza – Economia – O Estado de São Paulo – 13/03/2011..... | 26 |
| Recuo menor no consumo de etanol já afeta os estoques - Fabiana Batista - Valor Econômico - Agronegócios - 15/03/2011 | 27 |
| Plano de expansão da Shell destaca etanol e petróleo no País- Daniela Milanese – Negócios – O Estado de São Paulo – 16/03/2011 | 28 |
| Governo aperta o cerco a fabricantes de etanol do país - Mauro Zanatta e Fabiana Batista - Valor Econômico - Agronegócios - 16/03/2011..... | 29 |

| | |
|--|-----------|
| O monopólio da Petrobrás no setor elétrico- Adriano Pires – Economia – O Estado de São Paulo – 17/03/2011 | 30 |
| Acordo prevê bioquerosene para aviões nesta década – Denise Chispim Marín – Nacional – O Estado de São Paulo – 20/03/2011 | 32 |
| Petrobrás vai estimular consumo de gás natural – Kelly Lima – Economia – O Estado de São Paulo – 24/03/2011 | 33 |
| Produtores de cana traçam ações para votação do novo Código Florestal - Sítio eletrônico da CNA - 25/02/2011 | 34 |
| POLÍTICA NACIONAL DE AGROBIOCOMBUSTÍVEIS | 35 |
| Biodiesel..... | 35 |
| Programa de biodiesel está a cada ano mais dependente da soja - Biodiesel Br - 10/03/2011 | 35 |
| Biodiesel ajuda no saldo da balança comercial brasileira - Biodiesel Br - 10/03/2011..... | 35 |
| Energias renováveis cresceram 35% em 2010- Biodiesel Br - 15/03/2011 | 39 |
| Feliz dia do biodiesel- Biodiesel Br - 18/03/2011 | 40 |
| Programa de biodiesel da Petrobras (PBio) "não é assistencialismo", diz Rossetto - Biodiesel Br - 21/03/2011 | 41 |
| Biodiesel fortalece pequeno produtor no Nordeste - BIODIESEL BR - 21/03/2011..... | 41 |
| Biodiesel fortalece pequeno produtor no Nordeste – Eduardo Magossi – Economia – O Estado de São Paulo – 21/03/2011 | 43 |
| Laboratório Nacional de Energia Renovável - Biodiesel Br - 30/03/2011 | 44 |
| Brasil está entre os principais produtores de biocombustíveis do mundo - Biodiesel Br - 30/03/2011..... | 49 |
| Etanol | 50 |
| Safra de cana começa com preços altos e muita chuva - Fabiana Batista - Valor Econômico - Agronegócios - 01/03/2011 | 50 |
| Custo da cana é mais baixo em áreas novas - Fabiana Batista - Valor Econômico - Agronegócios - 03/03/2011..... | 52 |
| Custo da cana é mais baixo em áreas novas - Fabiana Batista - Valor Econômico - Agronegócios - 03/03/2011..... | 52 |
| Etanol perto de um choque de preços - Fabiana Batista - Valor Econômico - Capa - 15/03/2011 | 53 |
| Governo quer garantia de abastecimento de etanol – Gustavo Porto – Economia – O Estado de São Paulo – 16/03/2011..... | 53 |
| A maldição do pré-sal – Demetrio Magnoli – Espaço Aberto – O Estado de São Paulo – 17/03/2011 | 54 |
| Etanol dispara e governo cobra mais investimento - Valor Econômico - Agronegócios - 18/03/2011..... | 56 |
| Energia eólica avança e vai ao mercado livre - Josette Goulart - Valor Econômico - Capa - 29/03/2011 | 57 |
| RELAÇÕES INTERNACIONAIS | 58 |
| Biodiesel..... | 58 |
| EUA: As 10 principais notícias sobre biodiesel para 2011 – Biodiesel Br – 02/03/2011..... | 58 |
| Produção alemã de biodiesel chega a 2,6 milhões de toneladas - Biodiesel Br - 16/03/2011..... | 59 |

| | |
|---|-----------|
| Obama pode assinar acordo de bioquerosene com o Brasil - Biodiesel Br - 18/03/2011 | 60 |
| Brasil e EUA vão desenvolver biocombustíveis de aviação- Biodiesel Br - 21/03/2011..... | 60 |
| Etanol | 61 |
| Kuait, Emirados e Nigéria estudam aumentar produção diante de crise - Mundo - Folha de São Paulo - 08/03/2011..... | 61 |
| Preço cai com aposta em aumento da produção - Mercado - Folha de São Paulo - 09/03/2011 | 62 |
| Relatório rebate subsídio americano - Mercado - Folha de São Paulo - 10/03/2011..... | 62 |
| BP compra produtora de etanol CNAA,em acordo de US\$ 680 milhões - Eduardo Magossi - Negócios - O Estado de São Paulo - 12/032011..... | 62 |
| Alta do petróleo deve render acordo entre Brasil e EUA- Lu Aiko Otta - Economia - O Estado de São Paulo - 14/03/2011 | 63 |
| O etanol na visita de Obama- Marcos Sawaya - Espaço Aberto - O Estado de São Paulo - 15/03/2011 | 64 |
| Obama diz a empresários que Brasil e EUA farão parceria 'verde' para desenvolver fontes de energia limpa e renovável - O Globo - 19/03/2011..... | 66 |
| Biocombustíveis sob pressão mais uma vez - Assis Moreira - Valor Econômico - Agronegócios - 22/03/2011..... | 67 |

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL

Biodiesel

Brasil Ecodiesel e Petrobras fazem acordo – Biodiesel Br – 02/03/2011

As duas empresas fecharam um acordo que encerra uma disputa judicial existente desde de 2008. Em um fato relevante enviado ao mercado hoje, a Brasil Ecodiesel comunica que foi assinado um “termo de transação para resolução de litígio” que extingue o processo existente contra a Petrobras.

Nesse processo a Ecodiesel pretendia receber cerca de R\$ 11,46 milhões por não ter seu biodiesel retirado nos cronogramas combinados. A Petrobras por outro lado alegava ter R\$ 131 milhões em multas para receber pelo biodiesel não entregue pela Brasil Ecodiesel. O termo assinado hoje, as duas empresas renunciaram a cobrança das multas sem reconhecer o mérito das alegações.

Petrobras investe R\$ 8,6 milhões em programa para a agricultura familiar – Biodiesel Br – 02/03/2011

A cooperativa de agricultura familiar do município de Irecê, na Bahia, passa a fazer parte do Programa de Estruturação Produtiva Agrícola, desenvolvido pela Petrobras, junto com a subsidiária Petrobras Biocombustível. Para este programa serão investidos R\$ 8,6 milhões em projetos para a melhoria das condições do solo de uma área de 23.660 hectares em que trabalham 9.100 agricultores familiares de 63 municípios. O convênio foi assinado nesta terça-feira, 1/3, em Irecê, e contou com a presença da presidenta da República, Dilma Rousseff, do governador do Estado da Bahia, Jacques Wagner, do presidente da Petrobras, José Sergio Gabrielli de Azevedo, e do presidente da Petrobras Biocombustível, Miguel Rossetto.

Durante a cerimônia Dilma Rousseff falou sobre a importância do investimento em infraestrutura para a agricultura familiar “Acredito numa agricultura familiar com tratores, equipamentos e terra bem tratada. Com capacidade de gerar renda no bolso do produtor e da produtora. Por isso os recursos nessa área são tão importantes”, disse.

Por meio do Programa Desenvolvimento & Cidadania, a Petrobras aplicará R\$ 45 milhões na Estruturação Produtiva Agrícola. O projeto beneficiará 40 mil agricultores familiares, que juntos cultivam 89 mil hectares de terras. Ao todo, são 571 municípios em oito estados do semiárido brasileiro: Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraíba,

Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Espera-se com a implantação deste Programa um aumento de 200 kg por hectare, o que significará um aumento de 35% na produtividade média de grãos. Com a melhoria das condições do solo, o Programa de Estruturação Produtiva Agrícola promove o aumento da produtividade de oleaginosas e espécies alimentares e, por consequência, o incremento da renda do agricultor familiar.

Os recursos do Programa de Estruturação Produtiva Agrícola serão aplicados em duas safras na Bahia, num período de dois anos e meio. Nesta primeira etapa, serão investidos R\$ 4,37 milhões numa área de 12.153 hectares, atendendo a 4.727 agricultores familiares.

Em Irecê, na Bahia, a Cooperativa da Agricultura Familiar do Território de Irecê (COAFTI) se junta a outras três cooperativas parceiras deste projeto: Cooperativa de Produção e Comercialização da Agricultura Familiar do Estado da Bahia (COOPAF), Cooperativa Mista dos Produtores da Agricultura Familiar (COOMAF) e Cooperativa de Produtores Rurais da Região de Olindina (COOPERO).

Petrobras Biocombustível tem prejuízo milionário em 2010 – Biodiesel BR – 02/03/2011

Em 2010, a Petrobras Biocombustível (PBio) amargou um prejuízo de R\$ 110 milhões segundo dados contidos no relatório de Demonstrações Financeiras Padronizadas da estatal. A PBio foi constituída julho de 2008 exclusivamente para tocar os planos da gigante petrolífera nacional nos segmentos de etanol e biodiesel.

A Petrobras tem investido pesado para conquistar uma fatia do mercado brasileiro de biocombustíveis. De acordo com o plano de negócios 2010-2014 da estatal estão previstos investimentos da ordem de US\$ 3,5 bilhões em projetos ligados à produção de etanol e de biodiesel. Só em 2010 foram gastos R\$ 1,2 bi na área.

Dentro do segmento biodiesel, a PBio realizou uma sequência de investimentos relevantes: completou a duplicação de sua usina de Candeias (BA); iniciou as operações da usina de Marialva (PR) que controla em sociedade com a BSBIOS; colocou em andamento o projeto de construção de uma nova usina de biodiesel no Pará e consolidou uma joint venture com a Galp Energia que prevê a instalação de uma usina em território português para processar óleo de palma que será produzido na Região Amazônica. A meta da empresa é acumular capacidade produtiva de 750 milhões de litros de biodiesel por volta de 2013.

Apesar do prejuízo na subsidiária, a Petrobras como um todo vai muito bem. O lucro da estatal em 2010 ficou em R\$ 35 bilhões, 17% a mais do que o registrado no exercício 2009.

Cresce instabilidade na indústria de biodiesel - Valor Econômico - Agronegócios - 17/03/2011

A situação das indústrias de biodiesel — menina dos olhos do governo Lula — tem se agravado nos últimos meses pela ausência de um novo marco regulatório para o setor. Desde janeiro de 2010, quando passou a vigorar a obrigatoriedade de mistura de 5% do combustível renovável ao diesel convencional, não existe mais um cronograma para o aumento do mix dos combustíveis.

A entrada em vigor desse percentual estava prevista apenas para 2013, mas sua antecipação era possível pela regra vigente, caso as indústrias oferecessem condições de garantir o abastecimento, o que acabou se concretizando.

Pelas contas do setor, a capacidade instalada de produção das usinas em operação já é suficiente para adicionar até 10% de biodiesel ao combustível convencional e produzir o B-10. Dados da própria Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) indicam que a capacidade instalada das empresas era de 6,2 milhões de metros cúbicos no fim de 2010.

O volume é 2,6 vezes superior à demanda do próprio governo, que no ano passado foi de 2,35 milhões de metros cúbicos. Na prática, o setor de biodiesel trabalha com uma ociosidade da ordem de 60%.

Os novos percentuais e prazos, no entanto, ainda não foram definidos pelo governo. Procurado, o Ministério de Minas e Energia não retornou aos contatos feitos pela reportagem até o fechamento desta edição. O setor trabalha com a proposta de, já em 2011, elevar o percentual de 5% para 7% na mistura.

O volume seria ampliado gradativamente para 10% em 2014 e alcançaria 20% em 2020.

“O próprio governo divulgou recentemente que a utilização industrial no Brasil é de 82%. No caso da indústria de biodiesel, o número é metade da média nacional, ao redor de 40%”, afirma Sérgio Beltrão, diretor-executivo da União Brasileira do Biodiesel (Ubrabio). “Para qualquer setor industrial essa ociosidade é muito grande, ainda mais para um segmento ainda recente”, diz.

O reflexo de tanta ociosidade já começa a aparecer. Sem revelar nomes, a Granol, empresa que mais forneceu biodiesel ao governo em 2010, diz que recebeu recentemente propostas de parceria ou mesmo para aquisição de usinas.

“Já existem usinas à venda no mercado.

Está difícil operar no mercado com tanta ociosidade e níveis de preços baixos. O setor está praticamente sem margem”, afirma Paula Regina Ferreira, diretora financeira da Granol.

A executiva lembra que, nesse momento, a empresa não tem interesse em aquisições, tanto que está reavaliando projetos de expansão em São Paulo e no Tocantins.

Com uma capacidade instalada para 600 mil metros cúbicos em suas duas unidades — em Goiás e no Rio Grande do Sul —, a Granol produziu no ano passado 375 mil metros cúbicos, volume responsável por 42% da receita total do grupo, de US\$ 1,086 bilhão.

Depois de concluir a ampliação de sua capacidade de produção de biodiesel em 2010, de 157 mil para 202 mil metros cúbicos por ano, a Fiagril também pretende colocar o pé no freio.

“Temos acesso a uma matériaprima mais barata por estarmos em Mato Grosso, mas os preços do leilão são apertados porque a concorrência é muito grande. Poderíamos pensar em investir em uma nova planta, mas agora os aportes estão mais

cautelosos sem uma perspectiva de médio e longo prazo definida”, afirma Miguel Vaz, presidente-executivo do grupo. No ano passado, a Fiagril faturou R\$ 1,17 bilhão, dos quais 24% vieram da comercialização do combustível ao governo.

Brasil Ecodiesel fecha 2010 com prejuízo de 22,9 milhões - Biodiesel Br - 30/03/2011

A Brasil Ecodiesel fechou o ano passado com um prejuízo líquido de R\$ 22,9 milhões, conforme demonstrações financeiras apresentadas nesta terça-feira (29). O resultado não foi tão ruim quando o registrado em 2009, quando a empresa amargou um prejuízo de R\$ 34,9 milhões. Somente no quarto trimestre, o prejuízo líquido foi de

| | | |
|-----|------|----------|
| R\$ | 34,4 | milhões. |
|-----|------|----------|

De acordo com a empresa, o resultado de 2010 foi influenciado principalmente por eventos não recorrentes, referentes ao acordo firmado com a Petrobras e a devolução do adiantamento a clientes, que geraram um impacto de R\$ 18,5 milhões.

A receita bruta no ano passado foi de R\$ 465 milhões, o que corresponde a um crescimento de 14,8% em relação ao valor de 2009. Do total de 2010, R\$ 428,1 milhões foram provenientes da venda de 172,2 milhões de litros de biodiesel, volume 13,3% maior que o faturado no ano anterior.

No quarto trimestre, a receita bruta foi de R\$ 60,9 milhões, sendo R\$ 41,8 milhões provenientes da venda de 21,5 milhões de litros de biodiesel e R\$ 18,9 milhões referentes a venda de farelo de soja resultante de operações terceirizadas de esmagamento do grão. Como o custo de produção dos 21,5 milhões de litros de biodiesel foi de R\$ 56,7 milhões, a operação de biodiesel da empresa deu um resultado negativo de quase 15 milhões de reais.

Preço

A empresa vendeu por aproximadamente R\$ 1,95 cada litro de biodiesel que custou R\$ 2,64 para produzir. Foi logo após o leilão com entregas no quarto trimestre que o presidência da empresa foi trocada e José Carlos Aguilera voltou a ocupar o cargo de diretor-presidente.

A comercialização de farelo começou no ano passado, com a compra de grãos de soja da agricultura familiar e com operações terceirizadas de esmagamento no Rio Grande do Sul. Foram vendidas 71,5 toneladas de farelo, gerando uma receita de R\$ 35,5 milhões, o equivalente a 7,6% do total de 2010.

Com a incorporação da Maeda Agroindustrial, no dia 23 de dezembro, as demonstrações financeiras da Brasil Ecodiesel consideraram sete dias de operação da nova subsidiária. A aquisição faz parte dos planos de diversificação da companhia, que deixou de ser somente produtora de biodiesel. Para não ficar exclusivamente dependente de um mercado regulado, a empresa passou a atuar também em outras áreas do agronegócio.

Brasil Ecodiesel tem prejuízo de R\$ 22,9 milhões em 2010 – O Globo – 30/03/2011

SÃO PAULO - A Brasil Ecodiesel fechou 2010 com prejuízo de R\$ 22,91 milhões, graças a custos e despesas operacionais que corroeram o faturamento da companhia. No exercício de 2009, as perdas foram maiores, de R\$ 34,87 milhões, de acordo com o balanço que segue as práticas contábeis internacionais (IFRS).

Na comparação com o exercício de 2009, a receita líquida subiu 13%, chegando a R\$ 394,79 milhões. O volume de biodiesel faturado avançou 13,35%, para 172,24 milhões de litros.

No entanto, o aumento de despesas operacionais e custos operacionais derrubaram o resultado operacional medido pelo Ebitda (sigla em inglês para lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização), que ficou negativo em R\$ 9,34 milhões.

Em seu balanço, a Brasil Ecodiesel destaca que 2010 significou um "divisor de águas" para seus negócios. "Passamos de uma empresa produtora de biodiesel para uma corporação do agronegócio, atuando nos setores de energia renovável e alimentos", afirma a empresa, referindo-se à compra em dezembro da Maeda, que produz algodão, soja e milho, principalmente.

O balanço do ano passado já inclui sete dias de operações da Maeda, uma vez que a incorporação da empresa ocorreu em 23 de dezembro.

Somando os números da Maeda em todo o exercício, a Brasil Ecodiesel prevê uma receita líquida de R\$ 846 milhões em 2011 e Ebitda de R\$ 50 milhões.

A companhia ainda divulgou o plano de investir R\$ 24,3 milhões neste ano, sendo a maior parte - R\$ 20 milhões - na aquisição de maquinário, como tratores e plantadeiras. Fora isso, R\$ 100,5 milhões deverão ser injetados em capital de giro.

Etanol

Bioenergy e GE fecham contrato de R\$ 1,4 bi - Valor Econômico - Empresas - 01/03/2011

A Bioenergy y, especializada em projetos eólicos, firmou um contrato de R\$ 1,4 bilhão com a General Eletric (GE) para o fornecimento de 304 turbinas. O acordo marca a entrada das máquinas americanas no mercado brasileiro de energia eólica, que começa a dar sinais de que poderá ganhar relevância dentro da matriz energética nacional.

Ao custo de R\$ 250 milhões, os primeiros 54 equipamentos serão instalados em quatro parques que a Bioenergy está montando no Rio Grande do Norte.

Os projetos vão gerar 86,4 megawatts (MW) e devem ser inaugurados entre este ano e 2012. O fornecimento das turbinas restantes está condicionado ao desempenho da empresa no próximo leilão de energia eólica, que deve ocorrer no segundo semestre deste ano, porém ainda sem uma data definida.

Presidente da Bioenergy, o advogado pernambucano Sérgio Marques informou que a empresa tem hoje cerca de 1,5 mil MW em projetos eólicos distribuídos entre Maranhão e Rio Grande do Norte. Desse total, o executivo espera vender 450 MW no

próximo leilão do governo federal.

“Com esse volume contratado, exerço a totalidade do contrato com a GE”, explicou Marques.

Porém, assim como seus pares no empreendedorismo eólico, o executivo não esconde a costumeira apreensão relacionada ao preço que será praticado no certame.

Nos leilões do mercado regulado, o governo define um preço máximo pela energia e ganha a disputa quem oferecer a tarifa mais baixa. Em muitos casos, a média de preços verificada nos leilões torna os projetos financeiramente inviáveis para alguns investidores.

Diante disso, a Bioenergy também aposta no mercado livre.

Nessa modalidade, são as geradoras que convocam os interessados em comprar energia e ganha quem oferecer o melhor preço. Em seu primeiro leilão, realizado em dezembro de 2009, a Bioenergy vendeu 230 MW para a Cemig. “Devemos promover nosso segundo leilão ainda no primeiro semestre deste ano”, informou Marques.

Na avaliação de muitos empreendedores, o setor ainda carece de maior apoio governamental para se tornar competitivo. Além de um preço melhor para a energia, a desoneração fiscal dos equipamentos está entre os principais pleitos. “Política energética no Brasil é assim: tem hora que é prioridade, tem hora que não é.

Vamos ver se o discurso vira prática neste ano”, desabafou o executivo.

Segundo Marques, uma tarifa em torno de R\$ 140 garante a viabilidade de seus projetos.

O empresário admite, no entanto, que o custo dos parques está caindo. Até pouco tempo atrás, gerar 1MW de energia eólica exigia um investimento de R\$ 5 milhões, em média. Hoje, segundo ele, esse valor já está abaixo dos R\$ 4 milhões, reflexo da maior previsibilidade do setor sobre a realização dos

leilões anuais de compra de energia e da capacidade ociosa de algumas fabricantes europeias de equipamentos, que concentram a maior fatia dos custos.

Com um horizonte mais promissor, o Brasil — especialmente o Nordeste — já está atraindo uma série de investimentos em produção nacional de pás, torres e aerogeradores eólicos, o que deve manter a tendência de queda nos custos dos parques geradores nos próximos anos.

Petrobrás cria empresa de logística para área de etanol – Kelly Lima e Eduardo Magossi – Economia – O Estado de São Paulo – 02/03/2011

Logum, que administrará alcoolduto de 1,3 mil km, tem como sócias também a Cosan, Copersucar, OTP, Uniduto e Camargo Corrêa

A Petrobrás, em parceria com a Copersucar, Cosan, OTP (Odebrecht), Uniduto e Camargo Corrêa, lançou ontem a Logum, empresa de logística para transporte de etanol no Brasil. Um avanço em relação aos projetos individuais de alcooldutos que a originou, a companhia será responsável pela implantação de todo o sistema logístico multimodal para o transporte e armazenagem de etanol, com investimentos de R\$ 6 bilhões.

O sistema que será administrado pela Logum foi desenvolvido, segundo seus acionistas, para ter capacidade de atender o dobro da demanda dos atuais sócios. A primeira fase do duto, entre Ribeirão Preto e Paulínia, no interior de São Paulo, deve estar concluída até dezembro de 2012.

Sem contar as ampliações ainda possíveis, o sistema terá capacidade de atender a 70% de todo o mercado em 2020. “Teremos capacidade de transportar 22 bilhões de litros anuais e armazenar 800 milhões de litros”, afirmou

Alberto Guimarães, presidente da nova empresa. Segundo ele, as obras de colocação dos dutos no primeiro trecho, ligando Paulínia a Ribeirão Preto, terão início no período de seca, a partir de abril deste ano.

A previsão da Logum é que, com a abertura do mercado global de etanol, o projeto de construção de um terminal de 5 bilhões de litros seja construído em Caraguatatuba(SP), com vistas à exportação do produto.

O presidente do Conselho de Administração da Logum, Marcos Lutz (Cosan), destacou que o ganho das sócias será o lucro proporcional à sua participação na empresa e com a redução de custo utilizando este sistema integrado de transporte. “Numa conta muito superficial, considerando uma redução média estimada de 20% dos custos, poderemos abater em torno de R\$ 80 milhões anuais dos gastos da Cosan”, estimou.

À exceção da Camargo Correa e Uniduto, que terão participação de 10% cada uma, os demais acionistas participarão com 20% do capital. Chamado de sistema multimodal de logística de etanol, o projeto da Logum se estenderá por cerca de 1.300 quilômetros atravessando 45 municípios, ligando as principais regiões produtoras de etanol nos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, ao principal mercado consumidor de etanol do Brasil, a região da Grande São Paulo, e também aos portos do Sudeste.

O sistema é necessário à medida que a produção de etanol está cada vez mais distante dos centros consumidores e de exportação. A expectativa é de que o Estado de São Paulo, que em 2009 concentrava 69,3% da produção de etanol, chegue em 2021 com 48,06% do total produzido enquanto, no período, Goiás salte de 10,2% para 18,2% e Mato Grosso do Sul saia de 6,1% para 14,5%.

Sinergia. Inicialmente, vários projetos de alcooldutos foram criados de forma individual. A Petrobrás tinha seu projeto na PMCC, em parceria com a Mitsui e a Camargo Corrêa. A Brenco também possuía um projeto, depois incorporado pela ETH. A Uniduto, empresa formada por mais de 80 usinas, tinha seu próprio traçado de alcoolduto, ligando o Centro-Oeste ao litoral paulista.

Todos esses projetos tinham traçados muito semelhantes. A crise econômica fez com que houvesse uma necessidade de sinergia entre elas, o que acabou levando à união de todos os projetos em apenas um.

O capital social da companhia será inicialmente de R\$ 100 milhões e, segundo o diretor de abastecimento da Petrobrás, Paulo Roberto Costa, ainda será definido que porto vai operar com a Logum. “Somente depois de detalhadas as exportações é que definiremos o porto.”

Equador faz sua escolha entre floresta e petróleo - Daiella Chiaretti - Valor Econômico - Especial - 03/03/2011

País tenta viabilizar proposta de receber compensação para não explorar petróleo em reserva

Daniela Chiaretti
De Yasuní, Equador

“El Torto” espera a canoa na curva do rio. Tem um olho só. Se jacarés não fossem de domesticação improvável seria suspeito o aparecimento repentino do caolho: arma de marketing para impressionar turistas na Amazônia equatoriana? Mas não é assim: jacarés são jacarés, e “El Torto” submerge rápido no lago Anangucocha, sem esperar pela foto. Em um hectare desta mata dizem que há quase a mesma variedade de árvores que no Canadá e Estados Unidos juntos, mais de 100 mil espécies de insetos, 50 de palmeiras e 44% do total de aves da bacia amazônica.

O Parque Nacional Yasuní, onde vive o jacaré de um olho só, é praticamente uma Arca de Noé da biodiversidade, com uma particularidade: tudo sobre 20% das reservas de petróleo do Equador.

Neste pedaço de Amazônia discute-se ativamente o que vale mais — petróleo ou floresta? Para os indígenas da comunidade quechua Añangu, que administram um projeto de ecoturismo e se dedicam a cuidar de 21.400 hectares de floresta, não há dúvida. “A Texaco? Que benefício deixou para a comunidade?”, questiona o líder comunitário Giovanni Rivapeneira referindo-se à *C h e v r o n T e x a c o*, que operou na Amazônia durante 26 anos e é protagonista de um famoso processo por danos ambientais e sociais na região. “Uma herança de doenças e poluição”, reclama Rivapeneira. Ele conta que foi para ter alternativa ao trabalho nas grandes petroleiras que a comunidade quis, há 13 anos, erguer um lodge naquele trecho encantado de bosque. Entre os rios Napo e Tiputini surgiu o Napo Wildlife Center Ecolodge — assim mesmo, grafado em inglês na placa de boas-vindas aos visitantes. São 12 cabanas, lugar para apenas 24 hóspedes.

Chega-se viajando algumas horas de canoa motorizada pelo Napo até os igarapés. Continua-se por duas horas em canoa a remo para dentro da Amazônia no estreito braço de rio, vendo borboletas azuis e macacos escolhendo cipós.

No fim do dia, com sorte, aparece o jacaré famoso.

A poucos quilômetros estão poços de petróleo de todas as grandes empresas do mundo. No Napo, largo como costumam ser os rios amazônicos, a floresta também domina a paisagem, mas é fácil ver o fogo das torres queimando no meio das copas das árvores e cruzar balsas transportando caminhões. Em uma clareira acontece a feira de Pompeya, com barraquinhas que vendem vermes fritos em espetinhos, os “gusanos” (quem é corajoso diz que têm gosto de camarão). Os trabalhadores das empresas e gente das comunidades se abastecem de lenços de papel, cola branca, açúcar, latas de atum, xampus e cachaça. O entorno, de rio e de floresta, é magnífico, mas Pompeya tem atmosfera decadente e uma tensão no ar.

O petróleo responde por 60% do valor das exportações do Equador e por quase 35% da receita do Estado. A produção em 2010 foi de 380 mil barris/dia. Perto de 4,5 bilhões de barris foram extraídos nos últimos 45 anos, calcula o economista e professor Alberto Acosta. “Mas o saldo da exploração aqui é claro: o país não se desenvolveu”, diz. “O impacto do petróleo é dramático, com desmatamento,

erosão e tremendo passivo social”, continua. A crítica, vinda dele, surpreende: Acosta, ex-presidente da Assembleia Constituinte, foi ministro de Energia.

O Equador assina uma proposta única para resolver o embate entre combustíveis fósseis e ambiente, e Acosta é o protagonista. “Imagine a reação de todos os ministros de um país que vive do petróleo, reunidos em uma sala, escutando a ideia de deixarmos 20% de todo o nosso óleo sob a floresta”, lembra, referindo-se à reunião ministerial de 15 de janeiro de 2007.

Na ocasião, ele propôs ao presidente Rafael Correa e a seus colegas o seguinte: deixar o petróleo no subsolo em troca de compensação internacional. Isso aconteceria com o óleo prospectado no Parque Nacional Yasuní, área de 980 mil hectares com

uma das mais altas taxas de biodiversidade do planeta e declarada Reserva Mundial da Biosfera, pela Unesco, em 1989.

“O ministro do Planejamento reagiu com entusiasmo, outros com distanciamento, e vários disseram que era loucura.” A ideia era patrocinar um caminho renovável para a matriz energética equatoriana e abandonar pouco a pouco a dependência de um recurso natural que é finito. O país precisa da commodity para financiar serviços sociais e infraestrutura. “Mas o petróleo acabará no mundo e também no Equador”, alerta Acosta.

A demanda do Equador é de uma compensação de US\$ 3,5 bilhões para não explorar o ITT, a reserva Ishpingo, Tambobocha y Tiputini no Yasuní, valor que corresponde à metade do que o país receberia caso vendesse o petróleo. A proposta busca equilibrar a intenção de proteger o ambiente com recursos para necessidades públicas imediatas com Saúde, Educação, Transportes e outras demandas.

Põe a mudança climática na mira. A iniciativa, diz o governo, faria com que 407 milhões de toneladas de CO₂ deixassem de ser lançadas na atmosfera com a queima de 846 milhões de barris.

Lançada às vésperas da conferência do clima de Copenhague, no final de 2009, a proposta tinha glamour. O governo alemão parecia mais interessado. Mas o resultado de Copenhague ficou muito aquém da expectativa, o governo alemão mudou de perfil partidário e a crise econômica estourou.

“O governo alemão mudou e também mudou de opinião. Agora, manifesta seu apoio a partir das perspectivas do mercado de carbon o”, desaponta-se Acosta. “O projeto está em uma fase complicada.

Não se conseguiu a quantidade de dinheiro que se esperava”, diz. Ele critica o presidente Correa, de quem se afastou. “Há falta de coerência do presidente que, um dia apoia o projeto, no outro tem dúvidas se conseguirá o dinheiro e então envia mensagens ambíguas à comunidade internacional”, diz.

A iniciativa Yasuní-ITT ganhou formato internacional em agosto, quando foi assinado o compromisso com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). O PNUD é quem administra o fundo para onde, espera o governo, a comunidade internacional irá destinar recursos para proteger a floresta e colocar o país no trilho do pós-petróleo. “Com esta proposta respondemos à demanda das organizações civis de termos um modelo alternativo de desenvolvimento”, diz a ministra do Patrimônio Natural Maria Fernanda Espinosa. Em valores de hoje, diz ela, o Yasuni renderia US\$ 7,6 bilhões nas reservas comprovadas.

O governo equatoriano aportaria 50% deste valor e pede a ONGs, governos e fundações que entrem com a outra metade em um fundo que seria utilizado em energia eólica, solar, hídrica e geotérmica e nas demandas públicas urgentes.

O presidente Correa colocou um prazo para que a proposta decole — o fundo teria que ter US\$ 100 milhões até o fim de 2011. Nas contas de Tarsicio Granizo, subsecretário de Políticas do Ministério do Patrimônio Natural, até agora a iniciativa conseguiu US\$ 40 milhões.

A maior parte deste valor é uma troca de dívida com a Itália, desde que os recursos sigam para o fundo. “Este é um valor que o Equador entregaria para a Itália, estávamos pagando nossa dívida”, diz Granizo. Há outros US\$ 3 milhões prometidos pelos governos da Espanha, Bélgica e Chile. A Alemanha, diz, “não indicou quando irá colocar algo no fundo. A negociação está aberta. Querem saber mais detalhes sobre o mecanismo financeiro, o certificado de garantia e a governança do fundo.” O fundo tem um comitê diretor formado por três representantes do governo equatoriano, dois dos contribuintes, um da sociedade civil e outro do PNUD (este sem direito a

voto). Pelas regras, se um futuro governo do país resolver voltar atrás no compromisso e explorar o petróleo do Yasuní, o Equador fica obrigado a devolver todos os recursos de quem contribuiu.

“Acreditamos que os US\$ 100 milhões são factíveis. As dificuldades serão conseguir recursos a longo prazo”, suspeita Granizo. “Con tínhamos com aportes anuais, mas a crise econômica está muito forte na Europa”, registra. A estratégia é buscar fundos privados de grandes organizações, de instituições filantrópicas e governos locais. Segundo ele, governos regionais da Bélgica, França, Espanha e Alemanha, além do Vaticano, Qatar e Emirados Árabes dizem estar interessados em apoiar a iniciativa.

A crise política no mundo árabe e a escalada no preço da commodity são novos complicadores à ideia de deixar o petróleo no subsolo. “O Equador estará perdendo mais se o preço subir. Se não conseguir os recursos, a ideia fica ameaçada”, reconhece Granizo.

A Petrobras tem interesses no Equador. Procurada pela reportagem sobre o que pensa da iniciativa Yasuni-ITT, a empresa preferiu não se pronunciar.

O ambientalista Antonio Hill, assessor de campanhas da América Latina e Caribe da Oxfam e portavoza de mudança climática da ONG, diz que a proposta YasuniITT é diferente de propostas que evitam o desmatamento (e são conhecidas pela sigla Redd no debate internacional) porque ela combate a emissão de gases-estufa de uma fonte de combustível fóssil.

“É possível manejar recursos florestais com zero de emissões líquidas no final das contas. Mas combustíveis fósseis necessariamente significam vastas emissões de carbono”, destaca. “Esta é a importância desta proposta: pela primeira vez um governo propôs combater a mudança climática na raiz do problema, evitando, em primeiro lugar, a extração do combustível fóssil.” Hill prossegue em sua análise: “Não há maneira mais eficiente de reduzir emissões de gases-estufa do que simplesmente parar de queimar carvão, petróleo e gás.” O Equador, entende o ambientalista, está apostando que, no longo prazo, conseguirá a partir de energias renováveis, conservação da floresta e com emissões evitadas de CO₂ “pagar dividendos para seu povo e para o planeta. Agora é a comunidade internacional quem precisa fazer sua aposta.” A relação conflituosa do Equador com o petróleo teve novo round há poucos dias. Trata-se do célebre caso da Chevron-Texaco, acusada de danos ambientais e sociais na Amazônia equatoriana durante os 26 anos de sua operação na floresta. Há um mês, um juiz de primeira instância no Equador condenou a empresa a pagar US\$ 8 bilhões pelos problemas causados. A Chevron deve recorrer, mas a sentença foi festejada. “O ITT nos mata se for explorado”, diz Rivapeneira.

No hotel no meio da floresta, bastam 300 turistas por mês para garantir renda à comunidade onde vivem 175 pessoas. No lodge trabalha uma pessoa por família.

“As petroleiras oferecem casa, comida e trabalho”, diz Francisco Tapuy, outro líder comunitário.

“Mas o trabalho com petróleo termina, é curto. O turismo não, é para um horizonte largo.” No hotel, a geração de energia é solar, a estação de tratamento de esgoto usa plantas e areia. No aniversário do Napo Ecolodge, um balão colorido no meio da floresta divertia adultos e crianças. Até adolescentes largaram a sala dos computadores para se juntar à cerimônia.

Todos cantaram o hino em quechua e escutaram Giovanni Rivapeneira.

Ele aproveitou a ocasião para apresentar o próximo passo que, acredita, a pequena comunidade tem que começar a discutir: criar uma universidade no meio da Amazônia onde se ensine meio ambiente e turismo.

A jornalista viajou ao Equador a convite da Oxfam

Nova alta faz álcool custar mais de R\$ 2 – Mauro Zafalon – Mercado – Folha de São Paulo – 05/03/2011

Devido ao maior consumo no Carnaval, postos aproveitam para elevar preço do combustível; consumo deve cair

Há postos que já cobram R\$ 2,20 na cidade de São Paulo; alegação é que produto está custando mais na porta da usina

A diversão ficou mais cara neste Carnaval. Os paulistanos que vão viajar de carro pagarão mais tanto pelo álcool como pela gasolina.

As vésperas do fim de semana prolongado, período de maior consumo, os postos de São Paulo elevaram os preços nas bombas para um valor até então não registrado na capital paulista.

Os postos romperam a barreira de R\$ 2 por litro de álcool. Em alguns casos, o litro custa R\$ 2,20.

A alta do combustível derivado da cana impulsionou também os preços da gasolina. Alguns postos elevaram os preços do derivado de petróleo para até R\$ 2,80 por litro na cidade de São Paulo.

Os dados são da **Folha**, que pesquisa preços em 50 postos de todas as regiões da cidade. A **Folha** apurou que o preço médio do litro de álcool está em R\$ 1,96 em São Paulo. Já o da gasolina fica em R\$ 2,54 na cidade.

Os postos de serviço afirmam que estão apenas repassando os aumentos das distribuidoras, que estão pagando mais pelo produto adquirido nas usinas.

O litro de álcool superou R\$ 1,40 nas usinas, tomando-se como base os preços de negociações em Paulínia, interior de São Paulo. Esse valor supera em 42% o de igual período de 2010.

Os dados são do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada). O órgão, ligado à Esalq/USP, divulga também preços médios semanais do combustível praticados na porta das usinas.

A média desta semana do álcool hidratado (combustível que vai direto ao tanque) foi a R\$ 1,3405 por litro. Já o anidro (misturado à gasolina) foi a R\$ 1,4288. Esses valores superam em 7,74% e em 6,70%, respectivamente, os de há uma semana.

PERÍODO DE ALTA

Este é um período tradicional de alta para o álcool, devido à entressafra. Só que os preços começaram a subir mais cedo e estão com pressão maior, devido à menor oferta do produto.

Processamento menor de cana devido ao clima e opção das usinas por produzir mais açúcar, puxaram os preços do álcool. Com isso, o produto já deixou de ser competitivo em relação à gasolina na maior parte do país.

Em poucas semanas, a região centro-sul, a maior produtora de açúcar e de álcool do país, inicia a safra 2011/12 de cana-de-açúcar.

Tradicionalmente, o início da safra serve para a redução dos preços. Neste ano, no entanto, os consumidores de álcool não terão muito alívio.

As usinas devem optar por uma moagem maior de cana para a produção de açúcar, com redução da matéria-prima destinada para o álcool.

Os dados da Datagro, empresa especializada no setor, indicam essa tendência. Na safra 2011/12, a produção de álcool recuará para 25,3 bilhões de litros na região centro-sul, com queda de 4,6%.

Nesse mesmo período, a produção de açúcar -produto que hoje remunera melhor as usinas- cresce para 35,1 milhões de toneladas, 4,7% mais do que a de 2010/11.

O cenário aponta para um consumo menor de álcool devido aos preços mais elevados. Com isso, deve aumentar o consumo de gasolina.

Setor da cana deixa de faturar R\$ 7,5 bi com deficit de etanol – Marcos Fava Neves – Mercado – Folha de São Paulo – 05/03/2011

O deficit no mercado de etanol hidratado está limitando a renda do setor sucroenergético.

Hoje, existe uma demanda anual reprimida de 5 bilhões de litros de etanol hidratado, consumo potencial que está sendo transferido para a gasolina devido ao aumento de preço do hidratado, motivado pela oferta apertada do produto.

Um exercício com base nos 5 bilhões de litros de álcool que não estão sendo consumidos por falta de oferta -e considerando um preço hipotético do hidratado nas bombas de R\$ 1,50 por litro e lucro líquido de R\$ 0,10 por litro na usina- mostra que o setor está transferindo para a gasolina um faturamento anual de R\$ 7,5 bilhões e que as usinas deixam de ter lucro de R\$ 500 milhões por ano.

Em 2010, o consumo interno de etanol hidratado caiu para 15 bilhões de litros, ante 16,5 bilhões de litros no ano anterior. Já o consumo de gasolina aumentou de 25,4 bilhões de litros em 2009 para quase 30 bilhões em 2010.

E o pior: foram importados, no ano passado, 505 milhões de litros de gasolina, ante apenas 22 milhões em 2009. Hoje, o Nordeste está importando etanol dos Estados Unidos.

Ao mesmo tempo, a frota de automóveis flex continua crescendo. Em 2010, foram vendidos mais de 3 milhões de carros e a frota flex chegou a 12,5 milhões de unidades, 43% do total brasileiro.

Se 80% da frota flex optasse pelo etanol, o consumo anual seria de 20 bilhões de litros, ante 15 bilhões de litros em 2010, o que resulta no deficit de 5 bilhões de litros.

Só nos dois primeiros meses de 2011 foram vendidos mais 500 mil carros, 12 mil por dia útil, ou um veículo a cada dois segundos -crescimento de 15% ante 2010.

Mantido o atual ritmo, até o final do ano a frota flex terá 15,5 milhões de unidades e consumo potencial anual de 25 bilhões de litros de etanol hidratado. Assim, com a safra atual, o deficit aumentaria para 10 bilhões de litros.

Resultado: ao final deste ano, com o novo volume da frota, a cadeia sucroenergética deixaria de faturar R\$ 15 bilhões por ano e as usinas, de lucrar R\$ 1 bilhão.

Contudo, é importante observar que 25% da gasolina é composta de etanol anidro e, portanto, uma parte da renda obtida com a venda de gasolina retorna às usinas, diminuindo essa perda.

Essa lacuna na oferta é resultado da crise de preços e de crédito de 2007/8, evento que solapou o endividado setor sucroenergético.

O efeito mais pernóstico foi a transferência de grande volume de investimentos (das tradings, petroleiras, fundos e outros) destinado à construção de usinas novas ("greenfields") para a compra de usinas já existentes ("brownfields").

Hoje, o mercado clama por mais 15 grandes usinas, que, se aí estivessem, trariam toda essa renda para o bolso da cadeia sucroenergética.

Em um cenário onde o consumo de açúcar, de etanol, de energia elétrica, de plástico e de diesel, entre outros, só tende a crescer, e com o barril de petróleo na casa de US\$ 100, Brasília precisa focar sua estratégia na cana, rapidamente.

Petrobrás deve R\$ 46 bilhões a bancos oficiais – Capa – O Estado de São Paulo – 06/03/2011

A Petrobrás terminou 2010 com a dívida líquida recorde de R\$ 46,3 bilhões com BNDES, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal, revelam dados coletados no balanço mais recente da empresa pelo pesquisador Mansueto de Almeida, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Esse montante equivale a quase 40% do endividamento total da estatal, que chegou a R\$ 117,9 bilhões no ano passado.

Petrobrás deve R\$46 bi a bancos oficiais – Raquel Landim – Economia – O Estado de São Paulo – 06/03/2011

Valor emprestado do BNDES, BB e Caixa corresponde a quase 40% do endividamento total da estatal, que chegou a R\$ 117,9 bilhões em 2010

A relação entre a Petrobrás e os bancos públicos nunca foi tão próxima. A estatal terminou 2010 com uma dívida líquida recorde de R\$ 46,3 bilhões com BNDES, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal, revelam dados coletados pelo pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Mansueto de Almeida, no balanço mais recente divulgado pela empresa.

Esse montante respondeu por quase 40% do endividamento total da estatal, que chegou a R\$ 117,9 bilhões em 2010. O levantamento demonstra um crescimento exponencial da dívida da Petrobrás com BNDES, BB e Caixa nos últimos três anos. Em 2006, a companhia tinha crédito a receber de R\$ 2,55 bilhões com os bancos públicos.

Essa mudança suscita críticas entre os especialistas. “Uma empresa do porte da Petrobrás não deveria recorrer aos bancos públicos, porque tira recursos de outros setores da economia”, diz Adriano Pires, diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE). BNDES, BB e Caixa negam que, por causa dos empréstimos da Petrobrás, falem recursos para outras empresas.

De acordo com a assessoria de imprensa da Petrobrás, o endividamento crescente reflete o apetite por novos projetos. Nos últimos quatro anos, os investimentos da Petrobrás mais que quadruplicaram, saindo de R\$ 16,5 bilhões em 2006 para R\$ 76,4 bilhões no ano passado.

Foi uma mudança importante no perfil da petroleira, que desde o início dos anos 2000 privilegiava a redução da dívida e a remuneração dos acionistas.

Com a descoberta do pré-sal, a Petrobrás elevou o endividamento até o limite para manter sua classificação com o grau de investimento pelas agências de rating.

O impulso foi tamanho que, para reduzir a alavancagem e garantir os projetos futuros, o governo fez recentemente uma mega capitalização na empresa. “A Petrobrás pisou no acelerador o máximo possível sem quebrar o carro”, diz Edmar de Almeida, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Crise global. A dependência da estatal em relação aos bancos públicos cresceu na crise global. A turbulência secou o mercado de capitais e pegou a Petrobrás em ritmo acelerado de investimentos. O governo modificou as leis para permitir que a estatal tivesse acesso a crédito no Brasil e mobilizou seus bancos. Tradicional financiadora de habitação e saneamento, a Caixa chegou a criar uma área de petróleo.

Na prática, é quase como se o dinheiro saísse do Tesouro direto para o caixa da Petrobrás, explicam os especialistas.

Para garantir a capacidade de empréstimos do bancos públicos, o Tesouro fez aportes no BNDES e na Caixa. Na semana passada, o Ministério da Fazenda anunciou um novo empréstimo de R\$ 55 bilhões ao BNDES.

O problema é que a dívida da Petrobrás com os bancos públicos não caiu após a crise. Boa parte dos empréstimos são de longo prazo e vão se estender pelos próximos 20 anos.

E mesmo linhas de curto prazo têm sido renovadas. Em 2010, a Caixa emprestou mais R\$ 2 bilhões à Petrobrás. “A estatal não está numa situação confortável o suficiente para abrir mão dos empréstimos internos”, diz Almeida.

BNDES. Entre os bancos públicos, o BNDES é o maior credor da Petrobrás. O balanço de 2010 da petroleira apontava uma dívida líquida de R\$ 36,3 bilhões com o banco. É seguido pela Caixa, com R\$ 5,66 bilhões, e pelo Banco do Brasil, com R\$ 4,35 bilhões. Os três bancos informaram que não comentam os empréstimos em respeito ao sigilo fiscal.

O BNDES também tem R\$ 18,7 bilhões em ações da Petrobrás pelo seu braço de investimentos, a BNDESPar, e, graças a uma manobra do governo para reforçar o caixa, participou com R\$ 24,75 bilhões da capitalização da estatal.

Somados aos empréstimos, a exposição do BNDES à Petrobrás chega a R\$ 80 bilhões. Segundo a assessoria de imprensa do BNDES, os empréstimos à Petrobrás não comprometem a capacidade de crédito do banco.

A participação das pequenas e médias empresas nos empréstimos subiu de 17,5% do total em 2009 para 27% em 2010.

Petrobrás precisará de mais dinheiro – Raquel Landim – Economia – O Estado de São Paulo – 06/03/2011

Analistas financeiros dizem que, apesar da recente capitalização, empresa terá de captar mais recursos para bancar seus investimentos

Os analistas apostam que a Petrobrás vai precisar de mais dinheiro em breve, apesar de ter realizado a maior capitalização da história do planeta em setembro do ano passado. Os bancos estão preocupados com a capacidade da empresa de cumprir com os investimentos prometidos sem se endividar demais.

O diretor financeiro da estatal, Almir Barbassa, afirmou em um evento público que a Petrobrás vai precisar levantar US\$ 17 bilhões até 2014 para fazer frente a necessidade de recursos. O mercado acredita que esse número pode ser bem maior.

“No médio ou até curto prazo, a Petrobrás vai ter que fazer outra captação ou pedir mais dinheiro ao BNDES”, diz Adriano Pires, diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE). Pelas contas do Credit Suisse, os US\$ 25 bilhões obtidos pela Petrobrás em “dinheiro novo” na capitalização serão suficientes para fazer frente aos gastos por quatro ou cinco trimestres.

O professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Edmar de Almeida, diz que a tendência é a estatal buscar esse dinheiro no exterior. Ele argumenta que o cenário interno está complicado para novos empréstimos, porque as taxas de juros subiram e o governo quer desestimular o crédito para conter a inflação. “Além disso, a empresa tem outras opções, com o créditos vinculados a exportação de petróleo, a exemplo do que foi feito com a China.”

Decepção. A Petrobrás encerrou 2010 com um lucro recorde de R\$35 bilhões, o maior na história das companhias abertas, mas decepcionou os analistas. Relatórios dos bancos Credit Suisse, BTG Pactual, e Itaú BBA, obtidos pelo **Estado**, apontam preocupações em relação ao Ebitda (geração de caixa). O resultado desse indicador ficou 11% abaixo do esperado pelo Credit Suisse.

Os analistas ficaram especialmente preocupados com o aumento das estimativas de investimento da Petrobrás para 2011, que atingiram R\$ 93,6 bilhões. Em conversa com analistas financeiros após os resultados, Barbassa admitiu que a meta não deve ser alcançada a exemplo do que ocorreu em anos anteriores.

Outros fatores também preocupam. A estatal resiste em repassar para a gasolina e o diesel a alta dos preços do petróleo provocada pela crise no Oriente Médio. Os custos subiram com vigor no terceiro trimestre e caíram menos que o esperado no quarto trimestre. O crescimento da produção de petróleo também está abaixo da expectativa.

“Nos últimos anos, os analistas dos bancos duvidaram das metas de investimento e a Petrobrás demonstrou que eles estavam errados”, diz Almeida, da UFRJ.

Canteiro de obras da usina de Belo Monte começa a ser instalado - Mercado – Folha de São Paulo – 08/03/2011

DE BRASÍLIA - Começaram ontem as obras de terraplanagem da hidrelétrica de Belo Monte, no Pará, um investimento de pelo menos R\$ 19 bilhões.

O canteiro de obras começa a ser instalado em meio a um impasse judicial e ambiental. Para evitar que Belo Monte atrasasse, o governo criou um licenciamento especial.

No leilão de concessão foi firmado o acordo de a usina começar a produzir em 2015. Mas, se o canteiro não fosse instalado neste mês, somente em 2016 a usina começaria a operar. Isso porque em abril começa o período das chuvas.

Em fevereiro, a Justiça Federal no Pará conseguiu uma liminar cancelando a licença especial. Na semana passada, porém, o TRF (Tribunal Regional Federal) suspendeu os efeitos da ação judicial.

Locke indica que política sobre etanol pode mudar - Sergio Leo - Valor Econômico - Brasil - 10/03/2011

Os Estados Unidos querem fazer negócios, não a guerra. Essa foi a principal mensagem trazida ontem pelo secretário de Comércio dos EUA, Gary Locke, em conversas com os ministros do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Miguel Jorge, e da Casa Civil, Dilma Roussef, além do secretário-geral do Ministério Minas e Energia, Márcio Zimmermann. Locke, em um intervalo entre os encontros, falou ao Valor, revelou prioridades dos EUA no comércio com o Brasil e sugeriu que pode estar próximo o atendimento a uma antiga reivindicação, o fim da taxa imposta às importações de etanol brasileiro naquele país. “Vamos ver o que faz o Congresso”, disse o representante do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama.

Em maio, uma delegação de autoridades brasileiras vai aos EUA analisar as operações das empresas de encomendas expressas, como FedEx e UPS, em mais um passo nas negociações para facilitar o uso desses serviços no comércio entre os dois países, informou Locke, com ar satisfeito.

Hoje, importações pelos chamados “courier” são limitadas a US\$ 3 mil. O secretário (equivalente a ministro, nos EUA) informou também que, em “poucos dias”, virá um delegação de autoridades dos Estados Unidos para tentar um acordo que evite as sanções anunciadas nesta semana pelo Brasil contra empresas americanas, em retaliação aos subsídios ilegais concedidos aos produtores de algodão dos EUA.

“Há um forte compromisso dos dois países em evitar uma guerra comercial. Numa guerra comercial ninguém ganha, todos perdem”, disse Locke. Ele discutiu com autoridades brasileiras o interesse do governo e firmas americanos em participar de obras e investimentos de infraestrutura destinados à Copa do Mundo de futebol de 2014 e à Olimpíada de 2016. Os EUA defendem um acordo de “open skies (céus abertos)”, abertura para operação de companhias de aviação, e têm propostas para participar da ampliação da infraestrutura aeroportuária, informou Locke.

Ele classifica de “especulação” a ameaça de retaliações brasileiras contra direitos de propriedade intelectual de firmas americanas, como foi autorizado pela Organização Mundial de Comércio (OMC). Para evitar esse risco, os EUA pretendem alcançar rapidamente um acordo, argumenta, e nega que uma eventual retaliação por parte do Brasil possa desencadear uma guerra comercial, com represálias de lado a lado. “O Brasil está autorizado a fazer isso (as retaliações) de acordo com a decisão da Organização Mundial do Comércio”, reconhece.

“É importante não haver nenhuma retaliação posterior como resposta do lado americano, que crie outro ato de retaliação do lado brasileiro, que então crie outra resposta do lado americano, que resulte em resposta brasileira, indo de um lado ao outro, numa guerra comercial que ninguém ganharia”, diz. “Precisamos tentar resolver o mais rapidamente isso, evitar qualquer tipo de guerra comercial”, comentou o secretário, numa demonstração da boa vontade dos EUA. Ele ressalva que não é o encarregado das negociações, que são conduzidas pelo representante comercial dos Estados Unidos (USTR), Ron Kirk.

“A relação global entre Brasil e EUA é tão forte e muito complexa que numa relação dessas sempre há desentendimentos”, minimiza o secretário. “Essa questão específica (do algodão) não pode obscurecer o incrível progresso feito em termos de interdependência entre os Estados Unidos e o Brasil.” Cauteloso ao falar de

etanol, assunto de decisão do Congresso americano, Locke adianta, porém, que há um deslocamento progressivo dos Estados Unidos em direção a alternativas avançadas de energia e biocombustível e para longe do uso do etanol de milho, que “não preenche os critérios para ser definido como biocombustível avançado”. O etanol de cana sim, preenche. Em dezembro, acaba o prazo de vigência do subsídio concedido ao álcool dos produtores americanos e da sobretaxa sobre o álcool brasileiro. “Vamos ver o que faz o Congresso”, insinua o secretário. No ano passado, foi extinta por decurso de prazo uma taxa de apoio ao biodiesel local, pouco eficiente.

Os Estados Unidos têm interesse em vender ao Brasil produtos principalmente de pequenas e médias empresas geradoras de emprego, em setores como cosméticos, farmacêuticos, energia alternativa, equipamentos geradores e até turbinas eólicas, enumera Locke, que discutiu oportunidades de fornecimento de equipamentos geradores e de eficiência energética no Ministério de Minas e Energia. “Também buscamos oportunidades para pequenas e médias empresa do Brasil, mas para essas empresas a logística e o envio de mercadorias é um componente-chave”, argumenta ele, para voltar à defesa de facilidades para empresas de encomendas expressas.

“Pequenas e médias empresas não ocupam um contêiner de produtos, é mais fácil e conveniente o envio de pacotes pequenos, por empresas como UPS e FedEx”, insiste.

“Também vejo oportunidades para companhias americanas para fazer sociedades com brasileiras”, argumenta, ao falar das perspectivas com a Copa do Mundo de futebol e a Olimpíada no Brasil. “Veja o turismo, a construção de estádios, as várias instalações para os Jogos Olímpicos, a melhoria de transporte”, comenta. Ao ser provocado a dizer qual o principal resultado da visita ao Brasil, na qual acompanhou no almoço os dirigentes do Forum de Altos Executivos Brasil-Estados Unidos, Locke dá uma resposta política. “O principal é a reafirmação da força de nossas relações econômicas e políticas, valorizamos muito isso, nossa parceria com o Brasil”, afirma. “Vemos oportunidades mútuas de investimentos, de levantar o padrão de vida de ambos os povos.” O ministro do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior, Miguel Jorge, informou à saída do encontro e do almoço com Locke que não chegaram a discutir propostas específicas no caso do algodão. Segundo uma autoridade brasileira que participou do encontro com o secretário, os representantes do governo brasileiro insistiram com a delegação americana que o prazo para as retaliações é curto, 30 dias, e há expectativa de uma oferta dos EUA a tempo de evitar as sanções.

“A mensagem sobre algodão é que queremos resolver o caso, e o mais rapidamente possível, de maneira satisfatória para ambos”, garante Locke. “Enviados dos Estados Unidos se encontrarão com sua contraparte no Brasil em poucos dias”, informou.

Transpetro abre concorrência para comprar 80 barcaças para etanol - Fernando Góes - Valor Econômico - Empresas - 10/03/2011

A Transpetro, braço logístico da Petrobras, lança hoje uma das maiores encomendas já vistas no país para o transporte de cargas por hidrovia. A empresa abrirá concorrência para contratar a construção de 20 comboios — 20 empurradores e 80 barcaças — destinados ao transporte de etanol pela hidrovia Tietê-Paraná. Estimativas de mercado indicam que o valor total das embarcações pode ficar em cerca de US\$ 400 milhões.

A empresa não fala em valores.

Ao todo, 25 empresas nacionais e estrangeiras serão convidadas, a partir de hoje, a participar do negócio, com conteúdo nacional de 70%.

Entre os interessados, estão americanos e holandeses, além dos brasileiros.

As propostas serão recebidas até julho para depois abrir negociações diretas. “Até setembro ou outubro esperamos ter os contratos assinados”, disse Sergio Machado, presidente da Transpetro. A concorrência será aberta hoje na Feicana/Feibio, em Araçatuba (SP).

Toda a encomenda deve ser fechada com um só estaleiro para garantir escala. No setor, há quem aposte que será preciso investir na construção de um novo estaleiro ou na ampliação dos já existentes. “Na minha opinião, as embarcações terão que ser feitas ao longo do Tietêumavez que construir os blocos em outro lugar e depois transportá-los até a hidrovia vai representar perda de competitividade”, disse Fabio Vasconcellos, diretor comercial do Estaleiro Rio Maguari, de Belém (PA).

Vasconcellos afirmou que a experiência de estaleiros estrangeiros é bem-vinda, mas acredita que o país tem empresas capacitadas para atender a encomenda. Ele citou o caso da Rio Maguari, que construiu 20 comboios para transporte de combustível nos últimos quatro anos.

Para Machado, a encomenda pode marcar o início de uma mudança na matriz de transporte do Brasil com o aumento do uso das hidrovias.

Será a primeira vez que a Transpetro vai trabalhar com barcaças fluviais, embora a empresa já opere navios petroleiros no rio Amazonas.

A encomenda da Transpetro está sendo chamada de Promef Hidrovia, versão do Programa de Expansão e Renovação da Frota (Promef) que a empresa lançou para construir navios voltados ao transporte marítimo de petróleo e derivados. Machado disse que a capacidade de escoamento do Promef Hidrovia será de cerca de 4 bilhões de litros de etanol/ ano, cerca de 20% do mercado.

Cada comboio terá capacidade de transportar 7,2 milhões de litros. Esse sistema de transporte faz parte de um corredor de escoamento de etanol da Petrobras, que busca atender ao mercado doméstico e ampliar a competitividade no exterior.

Ao longo da hidrovia serão instalados três terminais para coleta do etanol em locais ainda a serem definidos.

O produto será transportado pela hidrovia — em trajetos médios de 500 quilômetros — até um ponto de recebimento situado a 80 km da Refinaria do Planalto (Replan), em Paulínia. Dali, o produto seguirá por dutos até a refinaria e terminais de São Sebastião (SP) e da Ilha D’Água (RJ). O corredor de etanol também inclui um alcoolduto entre Senador Canedo (GO) e a Replan.

Bertin reestrutura operação na área de açúcar e etanol – Eduardo Magossi – Economia – O Estado de São Paulo – 11/03/2011

Infinity, braço sucroalcooleiro do grupo, deve demitir cerca de 2 mil empregados e paralisar as atividades de usina no Espírito Santo

A Infinity braços sucroalcooleiro do grupo Bertin, está fazendo uma reestruturação completa em sua operação, segundo o presidente da empresa, Douglas de Oliveira. A reestruturação envolve a demissão de cerca de 2 mil funcionários, paralisação das atividades de unidade Cridasa, no Espírito Santo, alteração societária e revisão de contratos.

A Infinity também dá os toques finais em uma captação de US\$ 30 milhões a US\$ 50 milhões, por meio de uma colocação privada de “uma estrutura específica de dívida de longo prazo” a ser fechada ainda este mês. A colocação seria utilizada para pré-pagamento de exportações de açúcar e em investimentos no crescimento orgânico da companhia, de acordo com o executivo. O prazo mínimo da colocação é de três anos.

O Grupo Bertin possui 71% da Infinity Bio Energia. Os demais 29% estão nas mãos de credores da empresa, que decidiram se tornar acionistas depois que a empresa pediu recuperação judicial em 2009. Criada em 2006 pelo executivo Sergio Thompson- Flores, a Infinity foi capitalizada por vários fundos internacionais que, com a crise financeira mundial e com a demora do retorno dos investimentos, abandonaram o projeto. As dívidas da empresa levaram ao pedido de recuperação judicial e sub sequente compra pelo Bertin, em março de 2010.

De acordo com Oliveira, a reestruturação acontece no momento em que a Infinity se prepara para ter o primeiro resultado positivo de sua existência. “Na safra 2011/12, já vamos dobrar a produção de açúcar e elevar a moagem de cana-de-açúcar dos atuais 4,5 milhões para 7 milhões de toneladas”, disse. Embora as seis usinas do grupo tenham capacidade instalada de 9 milhões de toneladas, a Infinity não possui cana disponível suficiente para atingir este potencial.

Oliveira explica que esse é o motivo da paralisação da usina Cridasa, no Espírito Santo. “As unidades Alcana, Disa, Cridasa e Ibirálcool da Infinity são muito próximas entre si e não há cana suficiente para todas. Elas estavam se canibalizando. Por isso, decidimos paralisar a Cridasa”, disse. Oliveira afirma que, na safra 2011/12, a Infinity produzirá mais com menos funcionários e moendo cana localizada mais próxima das usinas, reduzindo custos de corte.

Investimento. Parte dos recursos que serão captados na colocação privada será revertida em investimentos na ampliação da área de cana e na maximização da produção de açúcar e de etanol anidro – que é misturado à gasolina na proporção de 25%. A expectativa é chegar à safra 2012/13 com moagem de 8,5 milhões de toneladas de cana. Na safra 2010/11, as usinas da Infinity produziram 300 mil toneladas de açúcar e 344 milhões de litros de etanol.

As seis usinas que compõem a Infinity são formadas por 22 empresas, segundo Oliveira, com uma única usina sendo constituída por várias empresas. “Estamos fazendo uma reestruturação societária e apenas quatro empresas devem sobrar. Do ponto de vista de gestão de custos, será muito mais fácil administrar.” Para reduzir custos, a empresa também está revisando seus contratos, “de fornecedores de cana aos de limpeza”.

O executivo informa que, agora, a Infinity prioriza a captação de recursos por meio de colocações privadas para promover o crescimento orgânico necessário para permanecer no azul. Porém, quando o assunto é expansão não orgânica (aquisições), Oliveira afirma que a Infinity está aberta para participar do movimento de

consolidação do setor. “Vários grupos possuem cultura similar à do Grupo Bertin e podemos nos unir para ganhar escala”, disse. Um requisito seria, contudo, a manutenção do controle pelo Bertin.

A Infinity também estuda investir na produção de energia com bagaço de cana em três unidades, em um volume total de 90 megawatts. Segundo Oliveira, a energia já estaria disponível em 2012/13. Esses investimentos, segundo o executivo, seriam realizados sem conjunto comum parceiro. “Estamos analisando propostas e devemos chegar a uma definição em breve”, disse.

Assim que assumiu a Infinity, o grupo Bertin investiu R\$ 220 milhões no saneamento da empresa. Oliveira disse que outros R\$ 190 milhões deverão ser investidos até o próximo ano no crescimento orgânico da produção e na manutenção da lavoura e das usinas.

Grupo britânico BP investe no etanol brasileiro – O Globo – 11/03/2011

SÃO PAULO - A BP Biofuels do Brasil, braço de energia renovável da petrolífera britânica BP, anunciou nesta sexta-feira que assinou um acordo para adquirir 83% da Companhia Nacional de Açúcar e Alcool (CNAA), produtora brasileira de etanol, por US\$ 680 milhões. A compra de 83% do controle da CNAA (os 17% restantes continuam nas mãos do grupo francês Louis Dreyfus) significa uma mudança de estratégia da companhia britânica, que, até o ano passado, buscava o "controle compartilhado", com até 50% do capital das usinas.

A iniciativa também representa uma aposta concreta na produção de etanol a partir de cana-de-açúcar. Esta é a segunda aquisição de usinas da BP em território brasileiro, e a maior já realizada pela empresa no setor de energia renovável. Em 2008, a companhia pagou R\$ 100 milhões por 50% da Usina Tropical BioEnergia, localizada em Goiás.

- O etanol de cana-de-açúcar terá um papel fundamental no crescimento do mercado de biocombustíveis no mundo - disse Mário Lindenhayn, presidente da BP Biofuels Brasil, durante uma teleconferência com jornalistas.

Negócio, planejado desde 2010, depende de aprovação

Com a aquisição, que ainda depende de aprovação de órgãos reguladores e do cumprimento de cláusulas contratuais, a BP espera conquistar boa parte do mercado brasileiro, embora tenha planos de vender etanol no exterior. Na proposta de compra, a BP se compromete a assumir toda a dívida da CNAA e diz que vai refinanciá-la em prazos mais longos. Segundo Lindenhayn, o interesse da BP na CNAA surgiu há mais de um ano, mas as negociações só começaram no segundo semestre de 2010.

ETH Bioenergia avança em pesquisa com cana - Fabiana Batista - Valor Econômico - Agronegócios - 11/03/2011

Criada para ser a maior empresa de etanol do país, a ETH Bioenergia, controlada pelo grupo Odebrecht, montou seu próprio departamento de pesquisa e desenvolvimento.

Além de aprimorar os processos já existentes de uso dos açúcares da cana, a empresa investe para desenvolver outros produtos que agreguem mais valor ao caldo da cana, que podem ser químicos, fármacos e até alimentícios.

Nessa linha, já está em andamento um projeto, ainda sob segredo industrial, com a petroquímica Braskem, também controlada pela Odebrecht. O primeiro passo foi fazer um mapeamento de todas as oportunidades industriais ainda não exploradas de uso do caldo da cana.

A Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), também no projeto, levantou 120 possibilidades de pesquisa. Após diversas filtragens, cinco a seis projetos ficaram para ser estudados mais a fundo.

E é justamente nessa fase em que o projeto está, diz o engenheiro químico Carlos Eduardo Calmanovici, diretor do departamento de Inovação e Tecnologia da ETH.

Vindo da própria Braskem, onde trabalhou no desenvolvimento do plástico verde da petroquímica, Calmanovici, não informa sequer qual será o uso final desses “pré-selecionados”. Ele conta que para chegar às cinco ou seis oportunidades foram avaliados alguns critérios. Entre eles, os que resultassem em produtos não tóxicos e de rotas igualmente limpas.

Ainda, que preferencialmente pudessem substituir itens hoje importados e que, obviamente, tivessem um mercado promissor.

Com esses “candidatos” à mão, Braskem e ETH agora se debruçam nos estudos de viabilidade econômica — investimento e retorno — para bater o martelo. Nem todos os da lista serão executados na parceria com a petroquímica. “A Braskem tem seus interesses, assim como a ETH. Onde eles se convergirem, haverá parceria”, diz.

Alguns dos projetos mapeados podem ser desenvolvidos ainda em parceria com outras companhias, que tenham interesses afins, diz Calmanovici. Outras pesquisas já estão em andamento, para avançar nos processos industriais e agrícolas já existentes. Entre eles, o de leveduras (substâncias que levam à fermentação).

Também em parceria com a Unicamp, e em cooperação com outras instituições de pesquisa, o projeto consiste na manipulação de genes das leveduras de forma a intensificar as características positivas, como a de resistência, e isolar as que prejudicam a fermentação.

Com isso, a empresa espera ter mais estabilidade na operação das usinas — que têm condições de

climáticas diferentes — assim como mais controle do processo industrial.

“Ao final, teremos, no mínimo, ganhos de 0,5% a 1% na eficiência da fermentação”, diz Calmanovici, também presidente da Anpei (Associação Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento das Empresas Inovadoras). Esse projeto, que começou há cerca de seis meses, já tem duas patentes registradas por Unicamp e ETH.

Ainda não orçamento definido para o departamento de Inovação, mas a previsão é de que absorva a partir de 2012 de 0,5% a 1% do faturamento da companhia — programado para atingir R\$ 4 bilhões.

Quando isso acontecer, a ETH estará operando com nove usinas com moagem

de 40 milhões de toneladas de cana — nesta safra 2011/12 devem ser processados cerca de 20 milhões de toneladas.

Petrobrás segura preço ‘até quando der’ – Irany Tereza – Economia – O Estado de São Paulo – 13/03/2011

Segundo diretor da estatal, não há nenhuma previsão de reajuste para os derivados de petróleo, apesar da disparada no preço do barril

Há um mês e meio acima da barreira dos US\$ 100 o barril, a cotação internacional do petróleo passa ao largo dos preços internos dos principais combustíveis vendidos no País: gasolina, diesel e GLP. Na expectativa de uma reversão rápida do conflito no norte da África, a Petrobrás mantém a intenção de não repassar a alta ao preço de refinaria.

“Nossa política aqui não vai mudar. Não há previsão de reajuste de preço, quer seja no diesel, na gasolina ou no GLP”, afirmou o diretor de Abastecimento da estatal, Paulo Roberto Costa, em entrevista à *Agência Estado*.

O executivo argumenta que a companhia monitora a evolução internacional e trabalha com um limite para a cotação, que não quis revelar. Quando começou a seguir a política de descolamento com o mercado internacional, a estatal havia estipulado um limite de três meses para o cálculo da média de preços e a fixação de novos patamares, mas na prática não seguiu essa fórmula.

Costa, falando por hipótese, comenta que uma elevação do petróleo a US\$ 150 exigiria uma reação “urgente” no mercado doméstico, mas não revela os parâmetros que estão sendo usados pela Petrobrás, alegando que se trata de uma estratégia interna. “O tempo (limite para deflagrar um repasse) varia de acordo com o preço. Não dá para dizer que a cada três meses teremos uma variação em relação ao mercado internacional. Se o petróleo bater, daqui a pouco, US\$150 o barril, obviamente vamos ter de pensar numa coisa urgente para resolver isso.”

O preço dos combustíveis, teoricamente liberado no País, segue nos últimos oito anos uma interferência direta do governo. Este ano, com o esforço para manter a inflação dentro da meta de até 6,5%, a manutenção do preço da gasolina e do diesel tem importância crucial. O item gasolina é o segundo de maior peso no cálculo do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), usado nas metas inflacionárias do governo — só perde para o item “refeição fora de casa”.

Salomão Quadros, da Fundação Getúlio Vargas, lembra que reajustes nos preços de combustíveis têm impacto tanto na inflação ao consumidor quanto no atacado. “O efeito indireto é grande. Os combustíveis impactam qualquer índice de inflação no mundo todo.”

Limites. Para analistas, está claro que a política de preços dos combustíveis extrapola os limites da empresa. “É uma decisão que não cabe à Petrobrás, mas ao governo. Gasolina e diesel são componentes importantes na inflação, com impacto grande na cadeia de preços”, diz Eduardo Roche, do Banco Modal.

Ele calcula que a defasagem dos preços internos com os internacionais já chega a 30%, no caso do diesel, e perto de 10% para a gasolina. Mas acredita que somente uma deterioração de preços em países produtores mais importantes da África e Oriente Médio será capaz de provocar uma reação imediata no Brasil.

A principal preocupação da Petrobrás é que a instabilidade dos países em conflito se estenda à Arábia Saudita. Costa não afasta a possibilidade de um reajuste no curto ou médio prazo. Especialistas temem o estrago que uma política de preços

desatrelada do mercado internacional possa trazer à geração de caixa da Petrobrás, comprometida com um plano de investimentos de US\$ 224 bilhões até 2014.

“A empresa tem investimentos pesados a cumprir e a geração de caixa tem de acompanhar esse compromisso. Gasolina e diesel representam 70% das vendas da empresa,

baseadas principalmente no mercado interno”, diz Adriano Pires, do Centro Brasileiro de Infraestrutura.

Costa discorda, argumentando que a política da estatal é de longo prazo. “Será que podemos falar em dificuldade de atender por descolamento de preço? É temerário fazer essa conclusão.”

Recuo menor no consumo de etanol já afeta os estoques - Fabiana Batista - Valor Econômico - Agronegócios - 15/03/2011

Biocombustíveis Fabiana Batista

De São Paulo

Apesar do preço mais alto do etanol hidratado, o consumidor brasileiro não está migrando para a gasolina com a intensidade que o setor de combustíveis imaginava.

As vendas caíram 26% em fevereiro na comparação com dezembro, mês referência por ser o de maior consumo. Mas, o Sindicom, que representa as distribuidoras de combustíveis do país, informa que esperava que essa queda fosse mais acentuada, entre 40% e 50%.

Com esse cenário, a preocupação do mercado é que os estoques de passagem de etanol — não divulgados — sejam suficientes para atender o consumo até o início da próxima safra de cana, a partir de abril. Postos de São Paulo, Estado maior produtor nacional do biocombustível, relatam que já há racionamento na entrega do produto pelas distribuidoras.

José Alberto Gouveia, presidente do sindicato que representa os postos de combustíveis de São Paulo (Sincopetro-SP), afirma que não se trata de falta de produto, mas de administração mais cautelosa dos estoques por parte das distribuidoras. Desde a última semana, essas empresas não estão entregando todo o volume solicitado pelos postos. “Se pedimos 18 mil litros, por exemplo, recebemos 10 mil litros. Acredito que seja para evitar que uma revenda fique com muito e outra com pouco”.

Tudo isso porque o consumidor e seu carro flex não estão regulando o mercado. Esperava-se que quando os preços do etanol atingissem mais de 70% do valor da gasolina, o proprietário do carro fosse migrar para a gasolina, o que não vem ocorrendo na intensidade imaginada.

Desde janeiro, o consumo de etanol vem caindo menos do que o esperado e em fevereiro esse comportamento se repetiu. “Em março, os relatos também são de que o consumo não está recuando como se p e r a d o”, diz Alisio Mendes Vaz, diretor do Sindicom, cujas associadas representam 60% do mercado de etanol hidratado do país.

O levantamento da entidade mostra que em fevereiro deste ano a venda de etanol foi de 650 milhões de litros, 26% mais baixa do que os em dezembro de 2010. No mesmo intervalo de um ano atrás, a demanda havia caído 55%.

O comportamento do consumidor neste ano é um mistério, pois só está compensando usar etanol em Mato Grosso. Além disso, em fevereiro deste ano, os preços na usina foram, em média, 7,3% maiores do que em fevereiro de 2010.

Gouveia, do Sincopetro do Estado de São Paulo, acredita que mais uma vez o

motorista não está fazendo conta na hora de abastecer.

Analistas acreditam também que a mídia de massa não tratou da alta do etanol na bomba com a mesma intensidade da realizada no ano passado.

Tarcilo Rodrigues, diretor da Bioagência, uma das maiores comercializadoras de etanol do país, avalia que o repasse de preços ao consumidor final não está chegando na mesma velocidade da alta na indústria. Ele argumenta que os preços do biocombustível na usina subiram 28% entre dezembro de 2010 e março deste ano, enquanto na bomba, esse reajuste ficou na casa dos 8%. “As usinas são apenas um elo da cadeia. Há ainda as distribuidoras e os postos, estes últimos, muitas vezes, com elevada concorrência entre si, o que pode ajudar a explicar o porquê da resistência em repassar preços”, diz.

Vaz, do Sindicom, acredita que nos próximos dias as pesquisas da Agência Nacional de Petróleo (ANP) devem mostrar um repasse maior dos preços ao consumidor.

“Essa demanda persistente preocupa, pois mantém pressão sobre os estoques. Somente com um choque de preços o consumidor vai mudar sua percepção”, diz Vaz.

Procurada, a ANP não retornou para comentar o monitoramento dos estoques privados. A União da Indústria da Cana-de-açúcar afirmou em nota que não tem expectativa de problemas de abastecimento.

Analistas ouvidos pelo Valor acreditam que distribuidoras que não têm contrato de compra, ou seja, estão no mercado spot, podem ter dificuldades pontuais para adquirir o produto até a entrada da nova safra. Mas que os volumes já contratados estão assegurados.

Plano de expansão da Shell destaca etanol e petróleo no País- Daniela Milanese – Negócios – O Estado de São Paulo – 16/03/2011

Empresa anunciou plano de investimentos de US\$ 100 bilhões até 2014, e pré-sal brasileiro é um dos destaques

O crescimento nas áreas de petróleo e etanol do Brasil faz parte da estratégia de negócios da Shell para os próximos anos. A empresa anunciou ontem um plano global de investimentos de US\$ 100 bilhões até 2014. Apesar de não divulgar os aportes a serem realizado em cada país, o presidente da empresa, Peter Voser, disse que está “entusiasmado” com os projetos no Brasil.

Maior operadora estrangeira atualmente no País, a Shell descobriu petróleo na região do pré sal no ano passado, e agora está realizando nova perfuração na área. Conforme Voser, é algo menor do que Tupi, na linha de “centenas de milhões de barris, e não de bilhões de barris”.

A companhia mostra interesse em comprar novas áreas. “Estamos esperando pelas próximas rodadas para que possamos participar”, disse. “Certamente vamos olhar para isso.”

A estratégia para o setor de etanol vem com a joint venture fechada com a Cosan, batizada de Raízen. Segundo Voser, o objetivo é desenvolver o biocombustível para o mercado interno e também para a exportação.

O principal mercado alvo é a Europa, mas a intenção também é vender o etanol brasileiro para os Estados Unidos, tarefa considerada mais difícil pelas barreiras impostas por aquele país. “Estamos tentando convencer os Estados Unidos a reduzirem a tarifa de importação”, disse.

Globalmente, a Shell manterá investimentos no etanol de cana de- açúcar e nos biocombustíveis de segunda geração. A empresa decidiu descartar a produção com base no óleo de palma, “por questões ambientais”.

Preços. Peter Voser disse acreditar que o preço do petróleo entre US\$ 80,00 e US\$ 90,00o barril “seria bom” para a economia global. “Essa é a faixa desejada pela Opep e acho que eles estão bem equipados para conduzirem a cotação para essa linha”, afirmou. O petróleo WTI chegou à casados US\$105,00recentemente, em razão da violência no mundo árabe. A redução da produção na Líbia trouxe a possibilidade de um choque de oferta.

Voser avalia que a Opep tem capacidade suficiente para compensar o fornecimento da Líbia e de outros países menores da região. Ele avalia que, no momento, a maior preocupação do setor está na outra ponta,coma possibilidade de desaceleração da demanda provocada pelo terremoto no Japão.

Depois da alta recente,o petróleo reagiu em forte queda aos desdobramentos da tragédia ocorrida na sexta-feira. “Teremos mais volatilidade nos preços do petróleo”, avalia. Ele lembra que, no passado, o mercado físico respondia por 75% do volume do setor, enquanto os contratos financeiros se restringiam a 25%. “Hoje, é o contrário.”

O executivo avalia que é difícil calcular o peso da especulação nos preços do petróleo,mas estima que a cotação atual do barril embute um prêmio de risco de cerca de US\$ 20,00.

Governo aperta o cerco a fabricantes de etanol do país - Mauro Zanatta e Fabiana Batista - Valor Econômico - Agronegócios - 16/03/2011

O governo ameaça usar mecanismos fiscais para garantir o abastecimento de etanol a preços razoáveis aos consumidores. Nos bastidores, a presidente Dilma Rousseff fez chegar aos usineiros a disposição de instalar hidrômetros nas usinas para medir o volume de vendas e calcular os reais estoques em mãos de empresas fabricantes de etanol.

O governo cobra dos usineiros um compromisso firmado ainda na gestão Lula quando houve momento semelhante de desestabilização dos preços nas bombas. A ameaça de instalação de medidores teria o efeito de mostrar a “fir me disposição” do governo em usar novas medidas além da tradicional alteração na mistura de etanol na gasolina. O governo fez isso com as companhias cervejeiras.

Nesse caso, porém, a questão era concentrada na evasão fiscal.

As preocupações com a demanda por etanol aumentaram depois de uma reunião do Conselho Interministerial do Açúcar e do Alcool (Cima) na segunda-feira.

Com os preços do açúcar em picos históricos, os usineiros teriam aproveitado para fabricar mais o adoçante em detrimento do etanol, avalia o governo. O preços do anidro (misturado à gasolina) subiram a R\$ 1,45 por litro, segundo a Esalq-USP. “É exorbitante”, diz uma fonte oficial. Mesmo assim, essa cotação remunera apenas 40% do preço do açúcar hoje.

A Unica reconhece que os estoques estão apertados, mas pondera que essa situação é sabida e vem sendo monitorada desde o ano por governo e iniciativa privada.

No segundo semestre do ano passado, os canaviais foram afetados por uma forte estiagem que provocou quebra da safra no Centro-Sul.

Antonio de Pádua Rodrigues, diretor técnico da Unica, afirma que as entidades do setor estão se reunindo com seus associados para que eles reavaliem antecipar a moagem. O plano é que 50% das indústrias do setor — que respondem por 60% da produção — já estejam em plena moagem até 15 de abril. “Mas estamos fazendo esforço para que mais usinas antecipem o início da moagem”, diz Pádua.

As chuvas, no entanto, não têm permitido o corte da cana das indústrias que querem iniciar a safra.

De acordo com a Somar Meteorologia, até agora o volume de chuvas em março superou a média esperada para todo o mês.

Para amenizar os estoques apertados, usinas estão importando etanol dos EUA. A operação também está sendo feita para aproveitar a oportunidade econômica — o etanol americano chega no Brasil a um valor menor do que o produto local. O mercado estima que 250 milhões de litros devem chegar até abril. A Cosan importou 40 milhões de litros do etanol, que deve chegar ao porto de Santos em abril. “A operação foi feita para suprir a quebra de safra ocorrida no ano passado”, afirmou Leonardo Gadotti,

vice presidente da Cosan

O monopólio da Petrobrás no setor elétrico- Adriano Pires – Economia – O Estado de São Paulo – 17/03/2011

Na última década, a Petrobrás partiu para uma integração entre gás e energia elétrica, investindo na construção de um par que gerador que garantisse segurança energética para suas operações, bem como a comercialização de energia elétrica. Em 2004, a estatal deu início à aquisição de uma série de usinas termoeletricas.

Segundo a direção da empresa na época, as aquisições visavam a terminar com contratos assinados durante o governo FHC, que lhe impunham custos e prejuízos elevados. Especializando-se, principalmente, em usinas termoeletricas abastecidas por sua produção própria de derivados de petróleo e, em especial, de gás natural, a Petrobrás, com capacidade instalada própria de 5.500 MW em 2010, já ocupa a oitava colocação entre os maiores geradores de energia elétrica do País.

O movimento de transformação da Petrobrás numa empresa de energia, integrando negócios de eletricidade, petróleo e gás natural, assemelha-se ao adotado por outros grandes nomes do setor petrolífero que buscam obter ganhos de escopo e diversificar seu portfólio de produtos. O que preocupa, no entanto, é verificar que a sua expansão das atividades não está sendo acompanhada pelo aperfeiçoamento das instituições responsáveis pela regulação e defesa da concorrência no Brasil. Ao contrário, observa-se a perda de autonomia da Agência Nacional do Petróleo (ANP), cada vez mais submetida à tutela do Ministério de Minas e Energia.

Diante desse quadro, a Petrobrás acaba se transformando num monopólio desregulado. No setor elétrico, em especial, sua estratégia de expansão vem reduzindo as pressões competitivas na disputa pela construção de novas usinas termoeletricas, aumentando a insegurança das empresas que com ela competem e diminuindo o potencial de expansão dos investimentos privados. A energia das usinas termoeletricas a gás que contam com participação da estatal representa quase 72% do total comercializado por essa tecnologia de geração nos leilões de novas usinas realizados pelo governo.

Nesses leilões, o poder de mercado da Petrobrás influencia sobremaneira os resultados. Em primeiro lugar, por ser a proprietária do gás, a estatal não precisa apresentar contratos que garantam o fornecimento do combustível.

Em segundo lugar, no caso de restrições no fornecimento de gás, a empresa pode substituir com rapidez o combustível por derivados de petróleo, já que produz e importa quase a totalidade desses produtos no País. Por fim, a Petrobrás pode criar barreiras à participação de concorrentes nos leilões, ao impor condições de preços elevados nos contratos de fornecimento aos competidores ou alegar indisponibilidade de gás ou de capacidade de transporte, para justificar sua negativa à celebração de contratos de fornecimento aos competidores.

A geração termo elétrica no Brasil será fundamental para atender à demanda de energia elétrica necessária para sustentar o crescimento econômico anual do País de 4% a 5% ao ano que se espera nesta década. A atual política do governo de construção de usinas hidrelétricas, com reservatórios com pouca capacidade de acumulação, tal como as que estão sendo construídas na Amazônia, requererá cada vez mais a complementação da geração térmica para acrescentar energia firme ao sistema elétrico. Nesse sentido, a geração termo elétrica a gás natural é mais adequada em razão do menor impacto sobre o aquecimento global dessa tecnologia, comparada às demais que utilizam combustíveis fósseis, e de seus relativamente menores custos de investimento e prazos de implantação.

Sendo assim, é de esperar maior participação das termo elétricas a gás natural nos leilões de energia elétrica promovidos pelo governo nos próximos anos, sobretudo diante da perspectiva de abundância de gás das descobertas do pré-sal. Entretanto, para que isso ocorra será necessário estabelecer regras que assegurem uma competição equilibrada entre os investidores privados e a Petrobrás, evitando assim que a estatal se estabeleça como um monopólio também no setor elétrico.

Petrobrás pode voltar a importar gasolina – Kelly Lima – Economia – O estado de São Paulo – 17/03/2011

A disparada de preço do etanol nas bombas de combustíveis de todo o País já faz a Petrobrás pensar em retomar a importação de gasolina e as usinas a estudarem a importação de anidro (álcool que é adicionado à gasolina). De acordo com Federação Nacional dos Postos de Combustíveis (Fecombustíveis), foram verificadas altas de pelo menos 10% nos principais centros consumidores (São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro). “O motorista de um carro flexível pode migrar do etanol para a gasolina, mas aí temos um aumento do consumo de gasolina e de anidro que é adicionado a ela”, disse o presidente da Fecombustíveis, Paulo Miranda.

Segundo ele, em reunião organizada ontem pela Agência Nacional do Petróleo (ANP) no Rio, representantes das usinas teriam se disposto a importar anidro caso houvesse falta do produto. Fontes da Petrobrás informaram que a companhia também já estuda a retomada da importação da gasolina. No ano passado, a estatal chegou a importar três milhões de barris entre janeiro e março. No restante do ano, trouxe poucas cargas, fechando 2010 com um total de 3,17 milhões de barris de gasolina importada, com custo total de US\$ 284 milhões. Este ano, a situação ainda não havia se mostrado tão grave. O Sindicato Nacional das Distribuidoras de Combustíveis registrou entre janeiro e fevereiro de 2010 queda de 50% na demanda

de etanol. Em 2011, a queda foi de 26% no mesmo período, mas a migração do consumo de etanol para gasolina deve se concentrar nas próximas semanas.

A consultoria independente Ticket Car. apurou elevação extraordinária no preço do combustível e em sua avaliação mensal indicou que o combustível já não leva vantagem sobre a gasolina em nenhum Estado desde o final de fevereiro. Já de acordo com a ANP, o etanol é vantajoso apenas em Mato Grosso. Representantes do setor sucroalcooleiro, das distribuidoras e uma comissão interministerial, composta por membros da área agrícola, da energia e da Fazenda, se reúnem hoje em Brasília para discutir o assunto.

Acordo prevê bioquerosene para aviões nesta década – Denise Chrispim Marín – Nacional – O Estado de São Paulo – 20/03/2011

Empresas brasileiras e dos EUA atuam em conjunto para produzir combustível de origem vegetal, em escala global, em até 10 anos

A parceria que Brasil e Estados Unidos estão firmando para o desenvolvimento e a produção de biocombustível especificamente para uso na aviação civil é fruto de uma ação que envolve algumas das maiores empresas dos dois países. Os resultados concretos dessas pesquisas – isto é, a fabricação e o uso em escala mundial – podem chegar ao mercado ainda nesta década.

“A perspectiva é de começo de produção em escala global em médio prazo, entre os próximos cinco a dez anos”, explicou Guilherme Freire, diretor de Meio Ambiente da Embraer. A fabricante brasileira de aviões participa de uma das pesquisas mais avançadas na produção de biocombustível para aviação. Além da Embraer, o projeto envolve no Brasil a Azul Linhas Aéreas – companhia do empresário David Neeleman que opera no Brasil desde 2008 – e, nos Estados Unidos, a Amyris (empresa do setor de biotecnologia com sede da Califórnia) e a General Electric (GE), gigante americana do setor elétrico. O trabalho conjunto das empresas prevê o voo experimental de um jato E-Jet no primeiro semestre de 2012.

O projeto consiste no desenvolvimento de tecnologia de produção de bioquerosene para aviação a partir da fermentação da sacarose – proveniente da palha e da ponta de cana-de-açúcar, do milho e de outras fontes vegetais. Outra experiência prestes a receber a certificação internacional envolve a transformação de biomassa – pinhão-manso, camelina, babaçu e alga marinha – em bioquerosene. A dificuldade da aplicação dessa tecnologia está na necessidade de produção em escala dessas fontes de biomassa. Em princípio, Estados Unidos e Brasil poderão atuar juntos nesse campo, com apoio dos respectivos governos. Acordo. O anúncio dessa parceria específica para o setor de aviação civil estará amparado pelo Memorando de Entendimento na área de biocombustíveis, assinado em 2007 pelos então presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e George W. Bush, em São Paulo. O acordo de quatro anos atrás não chegava a mencionar o bioquerosene, mas previa uma ampla cooperação para estabelecer padrões de produção para o etanol e, dessa forma, garantir a qualificação do produto como uma commodity.

Um dos tópicos de maior interesse do Brasil era a possível abertura do mercado norte-americano para a importação de etanol de cana-de-açúcar do Brasil, como alternativa ao uso de combustível fóssil, o que acabou não ocorrendo como esperado. Nos últimos meses, o governo Obama desinteressou-se pelo etanol como alternativa ambiental e econômica para a gasolina e passou a incentivar a produção de veículos híbridos e, principalmente, os movidos exclusivamente a eletricidade. Para o

Itamaraty, a perspectiva de atrair o governo dos Estados Unidos para a única opção sustentável para o querosene de aviação dará um novo alento ao memorando de 2007. A proposta, segundo um diplomata envolvido nesse tema, permite a união dos setores de fabricação de aviões, de motores, de biocombustíveis e de aviação civil dos dois países em torno de um “produto com futuro gigante”.

Petrobrás vai estimular consumo de gás natural – Kelly Lima – Economia – O Estado de São Paulo – 24/03/2011

A partir deste ano, País começa a ter oferta excedente de 20 milhões de m³ diários do combustível, e estatal já estuda redução do volume importado da Bolívia

Distante de cenários como o de quatro anos atrás, quando chegou a criar estratégias para inibir o consumo de gás natural, nos próximos meses a Petrobrás deverá criar novos mercados para a oferta excedente de 20 milhões de metros cúbicos (m³) diários, que começam a ser produzidos este ano. Entre as medidas em estudos para equilibrar oferta e demanda, está a redução do volume importado da Bolívia.

Em entrevista à *Agência Estado*, a diretora de Gás e Energia da Petrobrás, Graça Foster, revelou que a oferta de gás nacional em 2011 deverá saltar para até 49 milhões de m³ por dia, ante os 29 milhões de m³ diários da média no ano passado. O aumento decorre principalmente da entrada em produção do Sistema de Mexilhão, descoberto em 2003 na Bacia de Santos, que engloba o campo de mesmo nome, além do vizinho Uruguá-Tambaú, e serve principalmente de escoamento para o projeto-piloto do campo de Lula (ex-Tupi), com capacidade para produzir 100 mil barris por dia de óleo associado a 6 milhões de m³ de gás natural. “Vamos reduzir a importação da Bolívia e interromper encomenda de cargas de GNL importado. Demanda a gente vai criar”, diz a diretora, destacando que a prioridade é dar destino ao gás de reservatórios localizados na camada do pré-sal, associados ao óleo.

Além de Lula, até 2015 outros 12 sistemas, de capacidade equivalente, devem entrar em produção na região. Ao contrário de Mexilhão e Uruguá-Tambaú, onde o gás não é associado ao óleo e pode ser extraído quando for conveniente, em campos como o de Lula o óleo não pode ser separado do gás associado. Dentro das possibilidades técnicas, a Petrobrás vem reinjetando parte do gás e queimando outra parte, seguindo os limites da lei ambiental. Porém, entre fim de abril e início de maio, quando entrar em operação o Sistema de Mexilhão, haverá acréscimo na oferta de gás nacional no País de cerca de 15 milhões de m³ por dia, o equivalente à metade do volume importado da Bolívia. Há ainda outras plataformas na Bacia de Campos, como a P-57, que devem somar novos volumes ao gás produzido no País.

O impacto imediato deverá ser o aumento da participação do gás nacional no mercado interno. No ano passado, o gás nacional participou com 46,4% da oferta, que atingiu 61,5 milhões de m³ diários. Do gás importado, a média diária da Bolívia foi de 26,4 milhões. Cargas de Gás Natural Liquefeito (GNL) foram constantes nos terminais de Pecém e da Baía de Guanabara. Para 2011, Graça vê a possibilidade de reduzir a importação da Bolívia ao limite do contrato, de 24 milhões de m³ por dia, além de suspender a importação de GNL para a Baía de Guanabara, mantendo apenas as cargas para Pecém.

Produtores de cana traçam ações para votação do novo Código Florestal - Sítio eletrônico da CNA - 25/02/2011

Estratégias de mobilização serão planejadas pelo setor dos produtores de cana do país para garantir presença significativa na votação do novo Código Florestal Nacional. A ação foi realizada nesta quinta (24) e sexta-feira (25), em Maringá (PR), durante evento promovido pela Comissão de Cana de Açúcar, da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Os produtores são favoráveis à aprovação do novo código.

A Federação dos Plantadores de Cana do Brasil (Feplana), União Nordestina dos Produtores de Cana (Unida), Organização de Plantadores de Cana da Região Centro-Sul (Orplana) e a CNA participam da iniciativa. Os fornecedores também vão participar de palestra sobre a atual legislação e os respectivos benefícios com as alterações no código.

De acordo com vice-presidente da Feplana, Alexandre Andrade, que também é presidente da Unida, o atual código criminaliza a agricultura e respectivamente o produtor, porém, por sua vez, existe um decreto que suspende parcialmente o efeito da lei. “Portanto, o novo código deixará de ser anacrônico, garantindo segurança jurídica ao produtor e ainda respeitando as questões ambientais”, conta.

Andrade ressalta que este ano será importantíssimo para a efetiva sustentabilidade do setor sucroenergético brasileiro. E para isso, ele diz que é preciso aproveitar a oportunidade para consolidar essa coerente política florestal. “Portanto, vamos nos preparar para participar da votação deste magnífico projeto sócio, econômico e ambiental”, conta.

POLÍTICA NACIONAL DE AGROBIOCOMBUSTÍVEIS

Biodiesel

Programa de biodiesel está a cada ano mais dependente da soja - Biodiesel Br - 10/03/2011

Apesar de todos os investimentos na busca de oleaginosas alternativas, no ano passado 82% de todo o biodiesel produzido no Brasil foi feito a partir de óleo de soja segundo dados oficiais tabulados pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). Isso dá quase cinco pontos percentuais a mais do que os 77,4% de 2009 e pouco menos do que dez em relação aos 73,6% registrados em 2008.

Segundo colocado disparado, o sebo bovino ficou com 13,8% do mercado, frente a pouco menos de 16,6% de 2009; a terceira colocação ficou com o óleo de algodão que atendeu 2,4% do mercado encolhendo pouco mais de um ponto percentual em relação à sua participação do ano passado (3,6%). Apesar dessa concentração, a lista está ficando mais diversificada. Ano passado o óleo de amendoim fez sua estreia e, nessa edição, os óleos de nabo forrageiro e gergelim (listado como sésamo) entraram pela primeira vez na relação com 0,07% e 0,01% respectivamente.

Colocando esses números na ponta do lápis, o setor de biodiesel consumiu 1,93 bilhões de litros de óleo de soja o que praticamente iguala o consumo dos dois últimos anos somados. Considerando que teor de óleo do grão de soja é de 20% estamos falando de cerca de 9,6 milhões de toneladas esmagadas só para atender às demandas do biodiesel, o equivalente a 14% de toda a safra brasileira de soja entre 2009 / 2010 de 68,7 milhões de toneladas.

Como a área plantada de soja chegou a 23,4 milhões de hectares e a produtividade média foi de 2.927 kg por hectare, foi preciso mais ou menos 3,2 milhões de hectares para cultivar toda a soja utilizada no biodiesel.

Biodiesel ajuda no saldo da balança comercial brasileira - Biodiesel Br - 10/03/2011

De acordo com os cálculos do Boletim Mensal dos Combustíveis Renováveis do Ministério de Minas e Energia (MME), desde o início do Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB) o Brasil produziu o equivalente a 5,6 bilhões de litros de biodiesel. Embora o Brasil ainda não tenha conseguido concretizar suas ambições exportadoras até o momento, o biodiesel já está contribuindo para a melhora

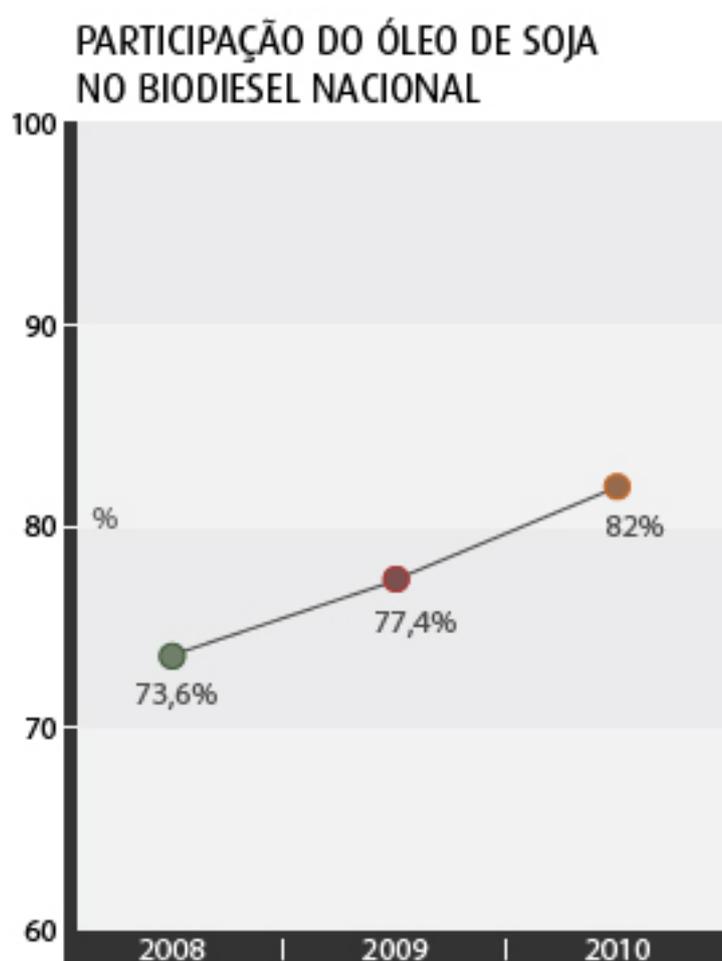
das

contas

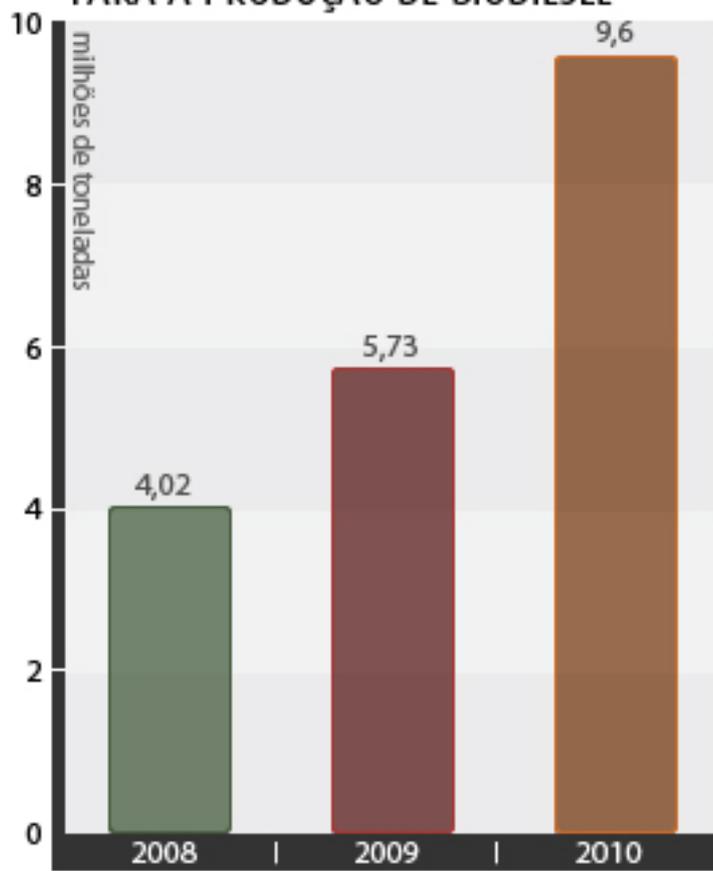
externas.

Desde o início do programa o Brasil precisou importar 29,3 bilhões de litros de diesel fóssil, os números poderiam ser maiores se não fosse o desaquecimento do consumo causado pelos reflexos da crise financeira mundial que se estenderam por todo o ano de 2009. As importações de diesel também foram alavancadas pelo início da oferta do diesel S50 (50 partes de enxofre por milhão) em diversas cidades brasileiras o que obrigou a um aumento na importação desse tipo de diesel menos poluente.

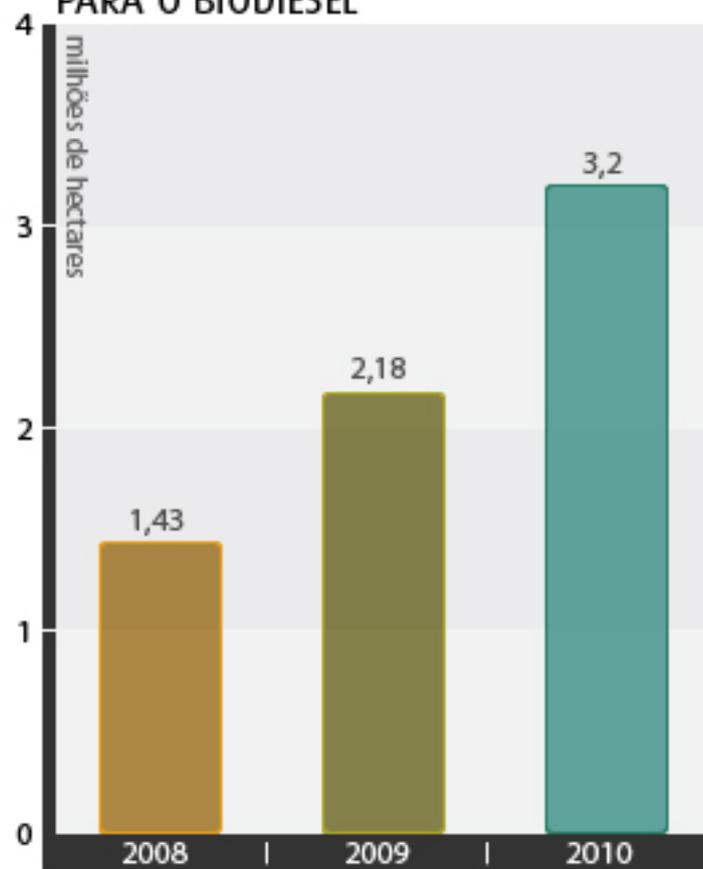
Nas contas do ministério, ao substituir as importações de diesel, a indústria nacional de biodiesel economizou cerca de US\$ 3,3 bilhões para o País.



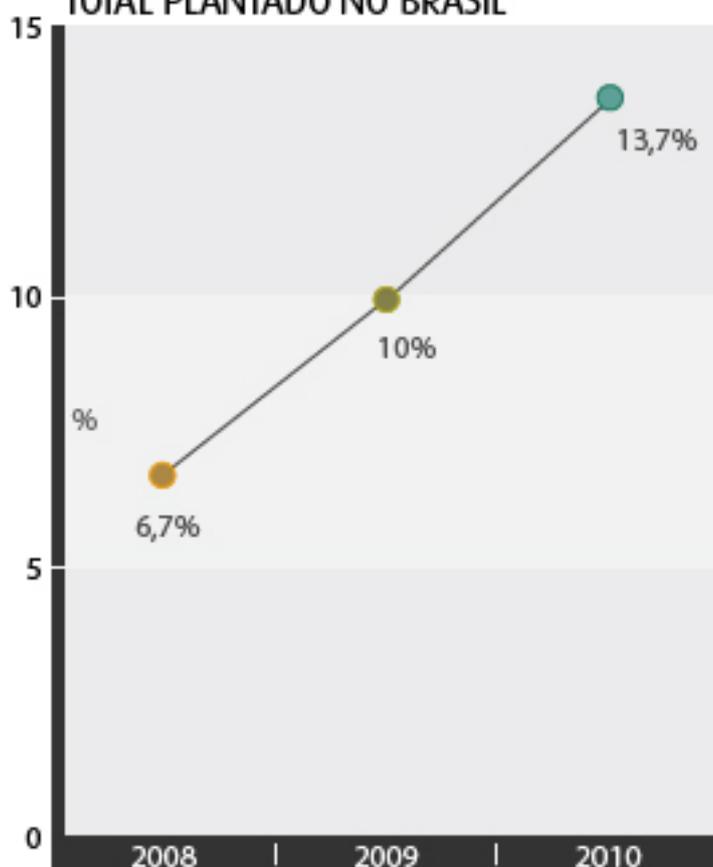
TONELADAS DE SOJA ESMAGADAS PARA A PRODUÇÃO DE BIODIESEL



HECTARES DE SOJA DESTINADOS PARA O BIODIESEL



PERCENTUAL DE HECTARES DE SOJA USADOS NO BIODIESEL EM RELAÇÃO AO TOTAL PLANTADO NO BRASIL



Fábio Rodrigues - BiodieselBR.com

Energias renováveis cresceram 35% em 2010- Biodiesel Br - 15/03/2011

O segmento de energias renováveis – que soma energia solar, eólica e biocombustíveis – cresceu respeitáveis 35,2% durante o ano passado, saltando de um faturamento global da ordem de US\$ 139 bilhões em 2009 para pouco mais de US\$ 188 bi em 2010. Os números foram levantados na edição 2011 do relatório Clean Energy Trends que foi publicado ontem (14) pela Clean Edge, empresa norte-americana especializada em pesquisa e consultoria em fontes limpas de energia.

Essa é a décima edição do relatório, o que permite fazer um balanço da performance ao longo da primeira década do século 21. Os resultados são bastante animadores, com o setor mantendo um ritmo de expansão anual entre 40% e 30% desde 2000. É o bastante para que o cofundador da Clean Edge, Ron Pernick, coloque as energias limpas no mesmo patamar de tecnologias que mudaram a face do mundo. “Conforme testemunhamos na década passada, as tecnologias limpas se provaram oportunidades de negócios com taxas de crescimento que rivalizam com revoluções tecnológicas

como a telefonia, a computação e a Internet”, diz.

Segundo o relatório, o segmento de biocombustíveis – somando etanol e biodiesel – produziu perto de 103 bilhões de litros no ano passado, conta 89,3 bilhões de litros em 2009. O faturamento foi de US\$ 56,4 bilhões em 2010 e deverá dobrar durante a próxima década, chegando a cerca de US\$ 113 bilhões por volta de 2020.

Uma das principais tendências que relatório aponta para a área de biocombustíveis é o aumento no interesse por parte das companhias de aviação civil e de fabricantes de aeronaves no desenvolvimento de alternativas aos combustíveis fósseis.

Fábio Rodrigues - BiodieselBR.com

Feliz dia do biodiesel- Biodiesel Br - 18/03/2011

Pode ser que a data ainda não faça parte dos calendários oficiais, mas no que depender da indústria do biodiesel norte-americana, em 18 de março passará a ser celebrado o Dia do Biodiesel. A data foi escolhida para homenagear o nascimento do engenheiro e inventor alemão Rudolf Christian Karl Diesel que, em 1893, inventou uma nova tecnologia de motores que viria a ficar conhecida como motores de Ciclo Diesel.

Enquanto os motores do Ciclo Otto precisam de uma fagulha elétrica para incendiar os combustíveis, os motores Diesel conseguem fazer o mesmo somente aumentando a pressão dentro do cilindro de combustão. Isso lhes garante mais eficiência no aproveitamento da energia dos combustíveis.

Não é fato dos mais conhecidos, mas o primeiro protótipo de um motor diesel era movido a óleo de amendoim, os combustíveis de origem fóssil só se tornariam padrão anos mais tarde. Na verdade, o óleo diesel mineral ganhou seu nome por causa dos motores nos quais era usado – e não o contrário como muitos pensam.

Diesel foi um ardoroso defensor do uso dos óleos vegetais como combustíveis e, numa palestra em 1912, ele teria dito que “o uso dos óleos vegetais como combustíveis em motores pode parecer insignificante hoje, mas, no decorrer do tempo, esses óleos devem se tornar tão importantes quanto petróleo e o carvão”. Tanto que sua morte inesperada em setembro 1913 gerou onda de boatos de que ele teria sido [assassinado por industriais do petróleo](#).

Para homenagear o pioneirismo do inventor – e fazer um pouquinho de marketing em causa própria – o Comitê Nacional de Biodiesel dos Estados Unidos (NBB, na sigla original) decidiu botar o bloco na rua e passar a celebrar o Dia do Biodiesel no dia 18 de março.

Fábio Rodrigues - BiodieselBR.com

Programa de biodiesel da Petrobras (PBio) "não é assistencialismo", diz Rossetto
- Biodiesel Br - 21/03/2011

O presidente da Petrobrás Biocombustível, Miguel Rossetto, é enfático ao dizer que o programa de biodiesel da empresa não é assistencialismo. "Não estamos investindo dinheiro a fundo perdido", explica. "Só pagamos se o produto for entregue."

Segundo o executivo, biodiesel é uma operação lucrativa dentro da Petrobrás Biocombustível. "Como atividade empresarial, procuramos sempre o melhor negócio", disse. Por isso, nem tudo que é adquirido dos produtores é usado na produção de biodiesel. "Se o produto estiver mais caro no mercado, ele é vendido e uma outra matéria-prima mais barata é usada."

Depois de investir em transferência tecnológica e conhecimento, em 2011 o programa focará a correção de solo. Segundo Rossetto, estão previstos investimentos de R\$ 45 milhões para atender 41 mil famílias na Bahia, Sergipe, Minas Gerais, Ceará, Piauí, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Biodiesel fortalece pequeno produtor no Nordeste - BIODIESEL BR - 21/03/2011

O programa nacional de biodiesel mudou a cara da agricultura familiar em regiões do Nordeste, introduzindo com sucesso as culturas do girassol e da mamona entre pequenos produtores. A garantia de escoamento por meio de contratos de longo prazo com a Petrobrás Biocombustível permite que esses agricultores ampliem a produção e troquem terras arrendadas por próprias, movimentando a economia de municípios da Bahia, Sergipe e Pernambuco.

Nessas regiões, as casas de alvenaria já substituem as barracas de lona. Nas agrovilas, a pavimentação das ruas e o surgimento de pequenos mercados, padarias e cabeleireiros refletem o desenvolvimento da economia local. A maioria das casas já conta com antena parabólica.

Iniciativas simples como garantir a compra dos produtos com contratos de longo prazo têm resultado em um aumento médio da renda destes pequenos produtores em cerca de R\$ 6 mil por ano - dinheiro extra que tem sido usado para investimentos na própria lavoura e na melhoria das condições de vida.

De 100 mil famílias que plantam oleaginosas para a produção de biodiesel no Brasil, o programa da Petrobrás Biocombustível (PBio) atende mais de 50% por meio de contratos. "A grande virada foi a criação de contratos de cinco anos, que deu estabilidade e confiança ao agricultor. Ele pode pensar sua propriedade como um negócio no médio prazo", afirma o presidente da PBio, Miguel Rossetto.

Com o programa, a Petrobrás fornece sementes de mamona e girassol para o produtor, além de assistência técnica. Na hora da comercialização, os preços são definidos pelo mercado conforme a data da entrega, respeitando o valor mínimo definido pelo Programa de Garantia de Preços para a Agricultura Familiar. "O produtor recebe se entregar o produto", diz Rossetto.

Na safra 2009/10, a PBio comprou 84.542 toneladas de produtos por R\$ 80,7 milhões - o valor não inclui despesas com assistência técnica e sementes. Embora o volume ainda seja modesto, é suficiente para mudar a vida dos agricultores dessas regiões carentes de investimento e infraestrutura. Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Agrário, 50% dos estabelecimentos da agricultura familiar estão no Nordeste.

Terra própria. Em Alagoinha, no agreste pernambucano, o agricultor Enéas de Almeida teve produtividade recorde com o plantio de mamona. Ele registrou 1.480 quilos da oleaginosa por hectare na safra 2010 - muito acima da média de 700 quilos por hectare de Pernambuco. Almeida vinha plantando mamona em cinco hectares de terras arrendadas. "Com o dinheiro que recebi da Petrobrás pela venda da primeira safra, comprei dez hectares", conta. "Agora vou plantar no que é meu."

O pequeno produtor Juracy Souza Pires seguiu à risca as recomendações dos técnicos e usou a mamona para diversificar sua atual produção. Em Irecê, no polígono das secas baiano, a 480 quilômetros de Salvador, Pires é mais um agricultor que está ajudando a reativar o plantio de mamona na região, que já foi conhecida como a capital do feijão. "A venda da mamona me deu renda extra e eu não precisei buscar recursos em agiotas nos últimos dois anos." Sem acesso a recursos bancários, Pires diz que a renda também foi suficiente para dar início à irrigação da lavoura.

O professor de Economia da Universidade Federal de Sergipe, Olívio Teixeira, especialista em agricultura familiar, resalta que o programa de biodiesel tem sido importante por incentivar a organização dos produtores para fazer frente às exigências da PBio. "De certa forma, o programa incentivou a organização de cooperativas regionais e criando um ambiente para o bom desempenho de programas governamentais, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar."

Segundo Teixeira, o pequeno agricultor também tem se mostrado receptivo à transferência de conhecimento propiciada pela assistência técnica do programa de biodiesel. "Estas novas tecnologias, embora básicas, têm levado ao aumento de produtividade não só nas lavouras do programa mas também nas demais culturas plantadas." Para o pesquisador, a maior vantagem do programa é o fortalecimento da agricultura familiar e não apenas o biodiesel. Em algumas áreas, não foi só a produtividade que dobrou, mas também a renda das famílias.

Com escala, soja ainda é a principal matéria-prima

A inclusão da agricultura familiar no programa de biodiesel não garante que o óleo obtido da mamona e do girassol seja utilizado em escala na produção do combustível. "A soja ainda será a matéria prima principal da produção do biodiesel por 20 anos ou mais", diz Olívio Teixeira, professor de Economia da Universidade Federal de Sergipe, especialista em agricultura familiar. Segundo ele, há uma limitação de escala na produção de combustível a partir das oleaginosas. "Essas culturas foram introduzidas na agricultura familiar para ser um complemento de renda em regiões onde os recursos econômicos são escassos. Dentro desta missão, eles nunca terão escala suficiente porque o objetivo não é transformar a propriedade familiar em empresas de agronegócio."

Teixeira ressalta ainda que a agricultura familiar não tem acesso aos recursos tecnológicos oferecidos ao agronegócio - o que também é um obstáculo para que essas oleaginosas entrem no espaço hoje ocupado pelo óleo de soja. Mas o professor estima que, em três ou cinco anos, com o desenvolvimento do programa da Petrobrás Biocombustível (PBio), essa escala seja maior, com a utilização de máquinas, equipamentos, insumos e o solo corrigido.

A economista Amaryllis Romano, analista da Tendências Consultoria, ressalta que o óleo de soja continuará sendo dominante na produção de biodiesel, porque o combustível é uma forma de escoar o óleo de soja, subproduto do esmagamento do grão. Segundo ela, isto só vai mudar quando o próprio consumo do biodiesel ganhar escala e for maior que a demanda por farelo de soja. Amaryllis aponta também a necessidade de criar mercados expressivos para o óleo de mamona, girassol, dendê, além do programa de biodiesel.

Dados da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) apontam que, em dezembro de 2010, 75% do biodiesel produzido no Brasil utilizava óleo de soja como matéria-prima. Do total produzido, 20,5% usou gordura bovina como matéria-prima e 2,4%, óleo de algodão. Outras matérias-primas representaram 1,8%.

Eduardo Magossi

Biodiesel fortalece pequeno produtor no Nordeste – Eduardo Magossi – Economia – O Estado de São Paulo – 21/03/2011

Mais de 100 mil famílias lucram com a produção de oleaginosas, com contratos de cinco anos e preços garantidos pela Petrobrás

O programa nacional de biodiesel mudou a cara da agricultura familiar em regiões do Nordeste, introduzindo com sucesso as culturas do girassol e da mamona entre pequenos produtores. A garantia de escoamento por meio de contratos de longo prazo com a Petrobrás Biocombustível permite que esses agricultores ampliem a produção e troquem terras arrendadas por próprias, movimentando a economia de municípios da Bahia, Sergipe e Pernambuco.

Nessas regiões, as casas de alvenaria já substituem as barracas de lona. Nas agrovilas, a pavimentação das ruas e o surgimento de pequenos mercados, padarias e cabeleireiros refletem o desenvolvimento da economia local. A maioria das casas já conta com antena parabólica. Iniciativas simples como garantir a compra dos produtos com contratos de longo prazo têm resultado em um aumento médio da renda destes pequenos produtores em cerca de R\$ 6mil por ano – dinheiro extra que tem sido usado para investimentos na própria lavoura e na melhoria das condições de vida.

De 100 mil famílias que planta oleaginosas para a produção de biodiesel no Brasil, o programa da Petrobrás Biocombustível (PBio) atende mais de 50% por meio de contratos. “A grande virada foi a criação de contratos de cinco anos, que deu estabilidade e confiança ao agricultor. Ele pode pensar sua propriedade como um negócio no médio prazo”, afirma o presidente da PBio, Miguel Rosseto. Com o

programa, a Petrobrás fornece sementes de mamona e girasol para o produtor, além de assistência técnica. Na hora da comercialização, os preços são definidos pelo mercado conforme a data da entrega, respeitando o valor mínimo definido pelo Programa de Garantia de Preços para a Agricultura Familiar. “O produtor recebe se entregar o produto”, diz Rossetto. Na safra 2009/10, a PBio comprou 84.542 toneladas de produtos por R\$ 80,7 milhões – o valor não inclui despesas com assistência técnica e sementes. Embora o volume ainda seja modesto, é suficiente para mudar a vida dos agricultores dessas regiões carentes de investimento e infraestrutura. Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Agrário, 50% dos estabelecimentos da agricultura familiar estão no Nordeste.

Terra própria. Em Alagoinha, no agreste pernambucano, o agricultor Enéas de Almeida teve produtividade recorde com o plantio de mamona. Ele registrou 1.480 quilos da oleaginosa por hectare na safra 2010 – muito acima da média de 700 quilos por hectare de Pernambuco. Almeida vinha plantando mamona em cinco hectares de terras arrendadas. “Com o dinheiro que recebi da Petrobrás pela venda da primeira safra, comprei dez hectares”, conta. “Agora vou plantar no que é meu.” O pequeno produtor Juracy Souza Pires seguiu à risca as recomendações dos técnicos e usou a mamona para diversificar sua atual produção. Em Irecê, no polígono das secas baiano, a 480 quilômetros de Salvador, Pires é mais um agricultor que está ajudando a reativar o plantio de mamona na região, que já foi conhecida como a capital do feijão. “A venda da mamona me deu renda extra e eu não precisei buscar recursos em agiotas nos últimos dois anos.” Sem acesso a recursos bancários, Pires diz que a renda também foi suficiente para dar início à irrigação da lavoura.

O professor de Economia da Universidade Federal de Sergipe, Olívio Teixeira, especialista em agricultura familiar, resalta que o programa de biodiesel tem sido importante por incentivar a organização dos produtores para fazer frente às exigências da PBio. “De certa forma, o programa incentivou a organização de cooperativas regionais e criando um ambiente para o bom desempenho de programas governamentais, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar.” Segundo Teixeira, o pequeno agricultor também tem se mostrado receptivo à transferência de conhecimento propiciada pela assistência técnica do programa de biodiesel. “Estas novas tecnologias, embora básicas, têm levado ao aumento de produtividade não só nas lavouras do programa mas também nas demais culturas plantadas.” Para o pesquisador, a maior vantagem do programa é o fortalecimento da agricultura familiar e não apenas o biodiesel. Em algumas áreas, não foi só a produtividade que dobrou, mas também a renda das famílias.

Laboratório Nacional de Energia Renovável - Biodiesel Br - 30/03/2011

O Departamento de Energia dos EUA possui 17 centros de pesquisa em energia. Um deles (National Renewable Energy Laboratory – NREL) é totalmente dedicado à geração de energia a partir de fontes renováveis (biomassa, solar, eólica e geotérmica), e está localizado em Golden, estado do Colorado. Durante o mês de março de 2011 estive em visita técnica ao NREL e voltei extremamente impressionado. O que me impressionou? A qualidade dos cientistas, as facilidades (equipamentos, plantas piloto) e o volume de novas tecnologias que estão no pipeline. Muitas delas se transformarão em tecnologias comerciais nos próximos anos e

impactarão não apenas os EUA, mas o mundo.

Impossível resumir neste artigo todas as novas tecnologias que me foram apresentadas, e que terão enorme impacto na rotina das empresas e dos cidadãos nos próximos anos. Portanto, vou concentrar os comentários naquelas que afetam diretamente a substituição de combustíveis fósseis, especialmente o óleo diesel.

Produção de Hidrogênio molecular

Muito se especula sobre a era do hidrogênio e as células de combustível substituindo motores e turbinas. O hidrogênio permitiria abastecer o mundo com uma fonte limpa e inesgotável de biocombustível, especialmente quando produzida a partir do hidrogênio contido na água. Porém, o jato de água fria sempre vem do alto custo de obtenção do hidrogênio molecular (H₂). Inúmeros grupos de pesquisa ao redor do mundo estão debruçados sobre o tema, buscando fórmulas de produzir hidrogênio em grande quantidade e a baixo custo. O NREL é uma das instituições que investe neste segmento, tendo desenvolvido duas tecnologias muito promissoras.

Produção de Hidrogênio fotoquímico

A primeira tecnologia envolve conjuntos híbridos compostos de enzimas hidrogenases e pontos quânticos, que abre perspectivas entusiasmantes para o desenvolvimento da próxima geração de materiais fotocatalíticos que permitirão converter água em hidrogênio. Os pontos quânticos são nanopartículas esféricas que possuem propriedades fotofísicas, como a seletividade do substrato e a capacidade de rápida indução de enzimas hidrogenase para aproveitar a luz em reações de produção de hidrogênio (H₂).

Os cientistas do NREL descobriram que os pontos quânticos de telureto de cádmio, revestidos por ácidos carboxílicos, facilmente formaram complexos altamente estáveis com a hidrogenase. Estes conjuntos híbridos catalisaram com sucesso a produção de H₂, utilizando a energia da luz solar. Aí está a grande inovação, o armazenamento da energia solar (renovável, limpa e barata) em um biocombustível, o hidrogenio.

Vamos comparar o processo desenvolvido no NREL com o que ocorre nas plantas. Durante a fotossíntese, a ferredoxina atua como intermediário para mediar a transferência de elétrons fotoexcitados para a hidrogenase, o que resulta em aproveitamento da radiação solar para a produção de H₂. Essa interação da hidrogenase com ferredoxina transfere os elétrons do polo negativo (ferredoxina) para o polo positivo (hidrogenase).

No BioHybrid – nome da tecnologia desenvolvida pelo NREL - a carga negativa do ponto quântico, revestido com ácido carboxílico, interage com a hidrogenase carregada positivamente, de forma a substituir a ferredoxina como fonte de elétrons para a hidrogenase. Medições ópticas mostraram que a eficiência fotocatalítica varia com a relação ponto quântico / hidrogenase, que atingiu o ponto ótimo na relação 1:1.

Em resumo pontos quânticos revestidos de ácidos carboxílicos e enzimas hidrogenase conjugam-se espontaneamente em complexos fotosensíveis, possibilitando a transferência de elétrons foto-gerados nos pontos quânticos para a hidrogenase, resultando na produção de H₂ a partir de água. O desafio agora é demonstrar a sua

produção em larga escala e deflagrar o processo de aprendizado para que seus custos se equiparem aos combustíveis fósseis.

Neste particular um grande avanço foi apresentado em 27/3/11, em Anaheim (EUA), por um grupo de cientistas liderado pelo Dr. Daniel Nocera (Massachusetts Institute of Technology – MIT), que desenvolveu uma folha artificial capaz de produzir energia. Durante a 241ª reunião nacional da American Chemical Society, o Dr. Daniel descreveu uma célula solar do tamanho de um baralho de cartas capaz de imitar a fotossíntese, convertendo luz e água em energia.

O equipamento é feito de silício e contém componentes eletrônicos e catalisadores, para acelerar reações químicas. Colocado em um balde com água e sob a luz do Sol, o pequeno aparelho divide a água em hidrogênio e oxigênio, que são transformados novamente em água por meio de células de combustível, uma reação exotérmica de alta intensidade que, ao final, produz eletricidade.

O dispositivo apresentado na Reunião é cerca de dez vezes mais eficiente na fotossíntese do que uma folha normal de uma planta. Ainda assim seriam precisos dezenas ou centenas de dispositivos para produzir a mesma energia que uma árvore, demonstrando que, na prática ainda se está na fase de demonstração de conceito, necessitando evolução tecnológica.

Há uma derivada nesta tecnologia pois, de certa maneira este é o ponto de partida para desenvolver processos de fotossíntese artificial, o que conduziria a um futuro em que as plantas seriam dispensáveis para a produção de alimentos, energia e bioprodutos.

Produção de Hidrogênio biológico
Uma pesquisa do grupo de Bioenergia do NREL desvendou um aspecto obscuro da atuação das hidrogenases em algas, o que pode melhorar a capacidades de produção de H₂ por algas verdes. A descoberta é uma interação específica entre a proteína ferredoxina - responsável pelos elétrons redutores durante a fotossíntese - e a enzima hidrogenase denominada HYDA2.

O NREL vem trabalhando na produção de algas verdes com capacidade de produzir hidrogênio há cerca de 15 anos. No início da década passada, a equipe de investigação do NREL descobriu que algas verdes não só codificavam e expressavam a bem conhecida hidrogenase HYDA1-[FeFe], mas também uma segunda hidrogenase (HYDA2 [FeFe]). Embora tenha sido possível demonstrar, à época, que a HYDA2 produzia biohidrogênio in vitro, seu papel no metabolismo biológico permaneceu desconhecido.

Recentemente, cientistas do NREL detectaram uma interação concreta entre a hidrogenase HYDA2 e a ferredoxina, a proteína responsável pelo transporte de elétrons redutores para o catalisador da produção de hidrogênio. Isto foi conseguido através de um teste denominado “Yeast Two-Hybrid Assay” que detecta fortes interações entre dois conjuntos de proteínas (que atuam como atratoras e atraídas), e foi confirmado por testes específicos usando meios de crescimento seletivos. Através destes testes comprovou-se a ação da segunda hidrogenase na produção de hidrogênio pelas algas.

Esta pesquisa é um passo importante para entender as rotas metabólicas que as algas usam para produzir hidrogênio. Na prática significa que, por um lado será possível selecionar mais rapidamente as algas com mais alta capacidade de produção de biohidrogênio; por outro lado permite engenheirar novas cepas de algas, partindo de espécies altamente produtivas e incorporando a característica de mais alta produção de hidrogênio.

Algas energéticas

Já que estamos falando de algas, um dos estudos que me impressionou é o avanço no cultivo de algas para gerar energia. Entre 1978 e 1996, o NREL estudou 3.000 cepas de algas e 50 delas atraíram a atenção dos cientistas pelo potencial de produção de biocombustíveis. Em 1996, o preço do petróleo chegou ao fundo do poço (US\$ 20/barril) e o custo estimado de óleo de algas na época era cerca de US\$ 80/barril. Como a falta de visão de futuro não é prerrogativa brasileira, o Governo americano parou de financiar o programa!

Saltemos 20 anos no tempo. Em 2007 foi aprovada a Lei de Independência e Segurança Energética (EISA), exigindo que os EUA consumam quase 140 bilhões de litros de biocombustíveis anuais, a partir de 2022. Devido à sua pesquisa passada, em pouco tempo a equipe do NREL garantiu US\$ 8 milhões em financiamento para retomar o estudo com algas. Atualmente, já são 400 diferentes cepas de algas sendo cultivadas em ambientes diferentes - de água doce a salobra - com o objetivo de produzir substitutos do diesel e da gasolina. A prioridade máxima, no momento, é compreender a biologia dos organismos, para poder desenvolver sistemas de produção na escala de milhões de toneladas.

Os cientistas escolheram uma espécie de alga, *Chlorella vulgaris*, como organismo modelo porque ela cresce rapidamente e produz alta quantidade de óleo. Um dos estudos mais desafiadores é o desenvolvimento de um processo para extrair o óleo das células de algas, para produzir o biodiesel. A tecnologia convencional usa um solvente que, no entanto, é pouco eficiente. Os cientistas estão buscando enzimas que tenham a capacidade de degradar a parede celular, permitindo o acesso de solventes para extrair o óleo de forma mais eficiente.

Se uma enzima capaz de quebrar a parede celular for identificada, será possível isolar o gene e introduzi-lo no DNA de algas para a produção de enzimas que seriam ativadas pouco antes da colheita. Mas esta inovação não se resume ao cultivo de algas. Descoberta a enzima e a forma de controle de sua ativação, os genes responsáveis pelo controle do processo podem ser transferidos para qualquer planta com alta capacidade de produção de massa celulósica. Uma vez colhida a planta, a enzima seria ativada, desdobrando a celulose para açúcares primários, que podem ser fermentados a biocombustíveis de forma rápida, simples e com baixo custo.

Modelo de simulação de reações bioquímicas in vivo

Cientistas do NREL, usando ferramentas computacionais avançadas (Advanced Computing SciDAC Program), desenvolveram um modelo que simula o metabolismo do carbono nos organismos eucarióticos (todos os seres vivos com células contendo um núcleo, que abriga o DNA). O modelo demonstrou alta fidedignidade com as rotas bioquímicas observadas em organismos vivos, durante o processo de validação do modelo.

Para obter modelos preditivos de engenharia metabólica que sejam altamente confiáveis, é necessário ir além de pequenos modelos canônicos atualmente disponíveis. O modelo desenvolvido é realista, e permitiu descrever sistemas dinâmicos de redes bioquímicas celulares em larga escala, ou seja, com condições de difícil controle, diferente das observações em tubos de ensaio ou placas de Petri.

O modelo do NREL compreende 149 substâncias químicas complexas e 65 enzimas. Permite utilizar 688 diferentes parâmetros e simular 114 reações, que descrevem as principais vias da glicólise, do ciclo dos ácidos carboxílicos, da redução da pentose fosfato, da fosforilação oxidativa, da degradação do amido e da fermentação, permitindo quantificar toda a complexidade das equações cinéticas das reações químicas.

Qual a importância prática deste modelo matemático? A partir das simulações que são possíveis somente em computadores de altíssimo desempenho, poder-se-á otimizar todo o ciclo de produção de energia de biomassa, desde a identificação de organismos vivos com alta capacidade de acúmulo de reservas energéticas por unidade de tempo e unidade de área, até os processos industriais de desconstrução de moléculas complexas para biocombustíveis de uso corrente. Ou seja, surge a possibilidade prática de identificação de novas matérias primas altamente eficientes e da otimização dos processos industriais de produção de biocombustíveis.

Em uma visão mais futurística, porém perfeitamente factível, o modelo pode auxiliar no “desenho” em computador de organismos otimizados tanto para a produção de energia, quanto para a transformação de substâncias acumuladas como reservas em biocombustíveis, através de ferramentas de biologia molecular.

Caminhão híbrido gasolina/eletricidade
Já existem diversos modelos de automóveis híbridos sendo vendidos em escala comercial. Agora estamos ingressando na era dos veículos de transporte de carga híbridos, o que significa a primeira etapa para atingir caminhões exclusivamente elétricos.

O NREL participou da avaliação da tecnologia híbrida em caminhões de entrega de encomendas operados pela FedEx Express, na cidade de Los Angeles, Califórnia. A FedEx Express tem uma grande frota comercial que opera mais de 30.000 veículos e, recentemente, incorporou veículos híbridos elétrico e diesel ou elétrico e gasolina. O objetivo da incorporação à sua frota foi atender a severa legislação ambiental da Califórnia, em especial no que concerne às emissões de gases de efeito estufa (GEE).

O NREL analisou os resultados relativos ao consumo de combustível, aos custos de manutenção e às emissões de GEE em operação real de campo, bem como os resultados dos testes de dinamômetro comparados com um caminhão similar movido a diesel. Uma foto do caminhão híbrido de teste é apresentada na Figura 1.

Figura 1. Veículo híbrido gasolina/eletricidade testado pelo NREL.

Os resultados mostraram que as emissões de gases no escapamento do veículo híbrido

foram substancialmente mais baixas nas três repetições do teste, quando comparados com as emissões do veículo de referência a diesel. O veículo híbrido apresentou emissões 75-89% mais baixas de óxidos de nitrogênio (NOx), além de 99% menos particulados.

O consumo de combustível, medido em laboratório, usando como parâmetro o consumo de energia em termos de diesel equivalente, foi semelhante entre o veículo híbrido (3,1 - 4,9 km/L) e dos veículos a diesel (2,6 - 5,0 km/L). Já no ciclo de condução mais intensa, cineticamente testados em laboratório, o híbrido apresentou uma economia de combustível 21% superior ao diesel.

Entretanto, não foram observadas diferenças no consumo de combustível (medido em diesel equivalente) em condições de estrada entre o veículo híbrido elétrico/diesel (3,2 km/L) e o diesel puro (3,4 km/L). O custo de manutenção também foi semelhante para os dois tipos de veículos, sendo de aproximadamente R\$1,00/km rodado.

Os resultados do consumo de combustível são animadores, considerando que os motores a gasolina apresentam consumo de combustível mais alto que os motores diesel. Em conclusão, consumindo a mesma energia e com o mesmo custo de manutenção, os caminhões híbridos diminuem drasticamente as emissões de GEE, o que deve levar a Fed Express a promover a substituição progressiva de sua frota na Califórnia. Conforme o custo de aquisição se aproxime dos veículos convencionais, a substituição deve se estender a outros estados e influenciar a decisão de compra de outros transportadores. Considerando o ganho de escala, quando isto ocorrer, o mundo inteiro será impactado.

Décio Gazzoni é Engenheiro Agrônomo, pesquisador da Embrapa Soja.

Brasil está entre os principais produtores de biocombustíveis do mundo - Biodiesel Br - 30/03/2011

Brasil, Argentina e Colômbia são os únicos países latino-americanos a figurarem entre os principais produtores de etanol e biodiesel do mundo, segundo um estudo entregue nesta terça-feira pela Comissão Econômica para América Latina e Caribe (Cepal).

Segundo o organismo das Nações Unidas, os biocombustíveis podem ser elaborados com uma ampla gama de produtos agrícolas e florestais, e precisou que desde 2000 sua produção no mundo cresceu a um ritmo anual de 10%, totalizando 90,187 bilhões de litros em 2009. Desse total, 82% corresponde a etanol e 18% a biodiesel, especifica o documento regional sobre economia dos biocombustíveis.

O Brasil é o segundo produtor de etanol do mundo, com 33,2% de participação no mercado, atrás dos Estados Unidos, responsáveis por 54,7% da produção mundial, segundo dados de 2009. A Colômbia, no entanto, figura no décimo lugar entre os países produtores, com 0,4%.

"Hoje em dia a grande maioria dos países do mundo, incluindo os da América Latina e do Caribe, possuem algum tipo de política ou instrumento para favorecer seu

desenvolvimento", precisa o documento. No entanto, antes de embarcar na produção, os Governos devem realizar análises profundas sobre seu potencial e identificar os possíveis impactos ambientais e sociais, assim como os vínculos com a segurança alimentar, adverte o estudo.

Etanol

Safra de cana começa com preços altos e muita chuva - Fabiana Batista - Valor Econômico - Agronegócios - 01/03/2011

Mesmo com chuva, a safra 2011/12 de cana-de-açúcar já começou para algumas usinas do Centro-Sul, que responde por 90% da moagem brasileira. Nesta semana, algumas unidades do Paraná, Estado conhecido por estrear a safra na região, iniciaram o processamento. A estimativa é de que até o fim deste mês, 14 das 30 unidades do Estado entrem em atividade, segundo a Associação Paranaense de Produtores de Bionergia.

Os preços elevados de açúcar e álcool estimulam a antecipação de moagem também por algumas usinas de São Paulo. Não há número oficial, mas o mercado prevê que mais de 20 usinas vão iniciar a safra ao longo de março. O número não deve interferir no mercado, pois é inexpressivo considerando que há 330 usinas no Centro-Sul.

A previsão climática, no entanto, não é muito animadora para o corte da cana este mês no CentroSul, segundo Paulo Etchichury, da Somar Meteorologia. As frentes frias, que até agora estavam mais presentes no Sul do país, alcançam o Sudeste e provocam chuvas mais frequentes e com nebulosidade, prevê o especialista.

“Assim, a tendência é de que as chuvas de março fiquem um pouco acima da média”, diz Etchichury.

Para abril, as precipitações entram na incidência histórica, o que significa, segundo o meteorologista, que haverá mais chuva que em abril do ano passado, que foi mais seco do que o normal.

Mas, com os atuais preços de açúcar e etanol, o argumento do risco climático se enfraquece.

De acordo com dados da consultoria D a t a g r o, ontem, quando o primeiro contrato na bolsa de Nova York fechou a 32,51 centavos de dólar por libra-peso, o açúcar de mercado interno estava remunerando o equivalente a 33,94 centavos de dólar por librapeso, ante os 30,86 centavos de dólar de 25 de fevereiro de 2010 — quando o mesmo contrato em Nova York estava em 24,45 centavos de dólar.

Já os preços do álcool anidro fecharam ontem equivalendo a 23,08 centavos de dólar por librapeso, ante os 19,91 centavos de dólar de 25 de fevereiro de 2010. O hidratado também está em vantagem neste ano e atingiu ontem o equivalente a 22,40 centavos de dólar por libra-peso, ante os 17,05 centavos de dólar de 25 de fevereiro de 2010, segundo a Datagro.

O contrato com vencimento em maio encerrou a segunda-feira com nova alta na bolsa de Nova York, a 29,45 centavos de dólar por libra-peso, uma valorização de 71 pontos.

A União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), que representa as unidades do Centro-Sul, não tem uma estimativa de quantas usinas da região vão antecipar a safra para março. Mas a entidade prevê que a

maior parte das unidades vai começar a moagem entre 10 e 20 de abril. “No geral, a safra terá um atraso de 15 ou 20 dias”, diz Antônio de Pádua Rodrigues, diretor-técnico da Unica.

O que ocorre é que há muita cana que foi cortada em 2010 e que ainda não se desenvolveu para o corte neste ano. Além disso, a disponibilidade de cana “b i s a d a” —que ficou em pé da safra passada para esta — é muito inferior à da temporada 2010/11. Segundo a Datagro, serão 5 milhões de toneladas, ante as 46 milhões de toneladas da temporada 2010/11.

Custo da cana é mais baixo em áreas novas - Fabiana Batista - Valor Econômico - Agronegócios - 03/03/2011

A groenergia Fabiana Batista

De São Paulo

Os custos de produção nas novas fronteiras de cana-de-açúcar estão se confirmando menores do que nas áreas tradicionais.

Com terras mais baratas, projetos de maior porte em Estados como Goiás e Mato Grosso do Sul, têm tido também ganhos de escala agrícola e industrial que impactam nos custos finais, segundo o pesquisador Carlos Eduardo Osório Xavier, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP).

Levantamento divulgado ontem pela instituição, constatou que na safra 2010/11, que termina oficialmente no fim deste mês, o custo de produção de cana dos fornecedores das regiões de expansão foi de R\$ 4.198,52 por hectare, 16% abaixo dos R\$ 4.909,15 das áreas tradicionais, localizadas em São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro.

Considerando os custos dos produtos finais, a lógica se repete, diz Xavier. O custo para se produzir 1 tonelada de açúcar VHP (bruto) é de R\$ 589,10 nas áreas novas de cana — nas regiões tradicionais, alcança R\$ 631,87.

No caso do etanol, esse custo econômico — que remunera todos os fatores de produção e capital — foi de R\$ 874,19 por m³ nas regiões de expansão, menor do que os R\$ 901,83 da safra 2009/10. “A qualidade da matériaprima foi melhor em 2010/11, por isso, os custos industriais registraram leve recuo”, segundo o pesquisador. O custo de produção do etanol nas áreas tradicionais foi R\$ 916,30 por m³ em 2010/11. No ciclo anterior, tinha sido de R\$ 906,36,

Embrapa conclui primeira fase de pesquisa para o etanol celulósico - Valor Econômico - Agronegócios - 03/03/2011

Biocombustíveis

De São Paulo

A Embrapa encerrou neste mês a primeira fase de um projeto de desenvolvimento de etanol celulósico em parceria com a Universidade de Cambridge, na Inglaterra.

A pesquisa começou há seis meses e resultou na produção de uma enzima que já está sendo testada por uma grande multinacional do setor, cujo nome não foi revelado por cláusulas contratuais de confidencialidade.

De acordo com a pesquisadora da Embrapa Instrumentação, Cristiane Sanchez Farinas, uma enzima auxiliar foi desenvolvida com o uso de biologia molecular. Ela passará a compor um coquetel com outras enzimas que, espera-se, sejam usadas na quebra das moléculas da celulose com mais eficiência do que as já usadas no mercado.

Ter enzimas eficientes, diz a pesquisadora, é essencial para reduzir o custo de produção do etanol de segunda geração. Há algum tempo, explica ela, essas enzimas representavam 50% do custo total do biocombustível, percentual que atualmente está em 25%. “É um insumo que não se consegue reciclar, ou seja, tem que ser adicionado constantemente ao processo. Por isso, se busca um extrato enzimático eficiente”, justifica a pesquisadora.

Custo da cana é mais baixo em áreas novas - Fabiana Batista - Valor Econômico - Agronegócios - 03/03/2011

A groenergia Fabiana Batista

De São Paulo

Os custos de produção nas novas fronteiras de cana-de-açúcar estão se confirmando menores do que nas áreas tradicionais.

Com terras mais baratas, projetos de maior porte em Estados como Goiás e Mato Grosso do Sul, têm tido também ganhos de escala agrícola e industrial que impactam nos custos finais, segundo o pesquisador Carlos Eduardo Osório Xavier, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP).

Levantamento divulgado ontem pela instituição, constatou que na safra 2010/11, que termina oficialmente no fim deste mês, o custo de produção de cana dos fornecedores das regiões de expansão foi de R\$ 4.198,52 por hectare, 16% abaixo dos R\$ 4.909,15 das áreas tradicionais, localizadas em São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro.

Considerando os custos dos produtos finais, a lógica se repete, diz Xavier. O custo para se produzir 1 tonelada de açúcar VHP (bruto) é de R\$ 589,10 nas áreas novas de cana — nas regiões tradicionais, alcança R\$ 631,87.

No caso do etanol, esse custo econômico — que remunera todos os fatores de produção e capital — foi de R\$ 874,19 por m³ nas regiões de expansão, menor do que os R\$ 901,83 da safra 2009/10. “A qualidade da matériaprima foi melhor em 2010/11, por isso, os custos industriais registraram leve recuo”, segundo o pesquisador. O custo de produção do etanol nas áreas tradicionais foi R\$ 916,30 por m³ em 2010/11. No ciclo anterior, tinha sido de R\$ 906,36,

Custo da cana é mais baixo em áreas novas - Fabiana Batista - Valor Econômico - Agronegócios - 03/03/2011

A groenergia Fabiana Batista

De São Paulo

Os custos de produção nas novas fronteiras de cana-de-açúcar estão se

confirmando menores do que nas áreas tradicionais.

Com terras mais baratas, projetos de maior porte em Estados como Goiás e Mato Grosso do Sul, têm tido também ganhos de escala agrícola e industrial que impactam nos custos finais, segundo o pesquisador Carlos Eduardo Osório Xavier, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP).

Levantamento divulgado ontem pela instituição, constatou que na safra 2010/11, que termina oficialmente no fim deste mês, o custo de produção de cana dos fornecedores das regiões de expansão foi de R\$ 4.198,52 por hectare, 16% abaixo dos R\$ 4.909,15 das áreas tradicionais, localizadas em São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro.

Considerando os custos dos produtos finais, a lógica se repete, diz Xavier. O custo para se produzir 1 tonelada de açúcar VHP (bruto) é de R\$ 589,10 nas áreas novas de cana — nas regiões tradicionais, alcança R\$ 631,87.

No caso do etanol, esse custo econômico — que remunera todos os fatores de produção e capital — foi de R\$ 874,19 por m³ nas regiões de expansão, menor do que os R\$ 901,83 da safra 2009/10. “A qualidade da matériaprima foi melhor em 2010/11, por isso, os custos industriais registraram leve recuo”, segundo o pesquisador. O custo de produção do etanol nas áreas tradicionais foi R\$ 916,30 por m³ em 2010/11. No ciclo anterior, tinha sido de R\$ 906,36,

Etanol perto de um choque de preços - Fabiana Batista - Valor Econômico - Capa - 15/03/2011

O preço do álcool hidratado disparou, a demanda se retraiu em 26% desde dezembro e ainda assim crescem as preocupações com os níveis de estoques e o desabastecimento em casos pontuais. Em São Paulo, maior produtor nacional do etanol, donos de postos relatam que há racionamento na entrega do produto pelas distribuidoras.

A expectativa do Sindicom (Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras) era que o consumo caísse mais de 40%, como ocorreu há um ano, diz Alísio Mendes Vaz, diretor. Mas a migração para a gasolina, possibilitada pelos carros flex, não foi até agora forte o suficiente para frear os preços e regular a demanda. Hoje, só é vantajoso abastecer o veículo com etanol no Estado do Mato Grosso.

Tarcilo Rodrigues, diretor da Bioagência, uma das maiores comercializadoras de etanol do país, afirma que, apesar disso, o repasse de preços ao consumidor não acompanhou a alta observada na indústria. Ele informa que, nas usinas, o etanol subiu 28% entre dezembro de 2010 e março deste ano, enquanto nas bombas o reajuste ficou ao redor de 8%. Vaz, do Sindicom, acredita que nos próximos dias as pesquisas da Agência Nacional de Petróleo (ANP) mostrarão um repasse maior. “Só com um choque de preços o consumidor vai mudar sua percepção”, afirma. Página B14.

Governo quer garantia de abastecimento de etanol – Gustavo Porto – Economia – O Estado de São Paulo – 16/03/2011

O governo federal recebeu garantias do setor sucroalcooleiro de que o abastecimento de etanol está garantido até abril, quando começa a safra de cana-de-açúcar

no Centro-Sul do País. Em uma reunião ontem entre os ministros da Fazenda, Guido Mantega, das Minas e Energia, Edison Lobão, e da Agricultura, Wagner Rossi, com representantes da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), foi cobrada ainda a antecipação da safra nas usinas que pudessem produzir o combustível.

“O setor garantiu o abastecimento de etanol até o início da safra e se comprometeu a agilizar o início da safra nas unidades que tiverem capacidade técnica”, disse o ministro da Agricultura, Wagner Rossi, à *Agência Estado*. Já o ministro das Minas e Energia foi mais duro e considerou, segundo a *Agência Brasil*, que os usineiros “têm a obrigação de garantir o abastecimento (de etanol)” e “para isso, eles deverão tomar as providências deles, se acharem que essa é uma solução (antecipação de safra), eles aplicam”.

Entre amanhã e a próxima semana, o governo vai se reunir com representantes das distribuidoras de combustíveis e das montadoras. Das montadoras, o governo federal vai cobrar o desenvolvimento de veículos flex fuel com uma maior eficiência, capazes de fazer com o uso do etanol seja mais economicamente viável ante a gasolina além da paridade atual, de 70% entre o preço do combustível de petróleo e o de cana. “Quando os carros eram só a etanol essa paridade era até 81%”, explicou uma fonte do governo.

Atualmente, só compensa usar o etanol em Mato Grosso. Na Grande São Paulo, os preços médios de hidratado na bomba de gasolina estão em torno de R\$ 1,92 por litro, 8,4% acima da paridade com os preços de gasolina, que estão em média em R\$ 2,53. Em alguns postos, o preço do etanol chega a ultrapassar os R\$ 2,00 na região

A maldição do pré-sal – Demetrio Magnoli – Espaço Aberto – O Estado de São Paulo – 17/03/2011

A Petrobrás é um Estado dentro do Brasil– felizmente, um Estado amigo”, costumava dizer Lula. O primeiro elemento da ironia é indiscutível: os investimentos da petroleira em ciência e tecnologia são um múltiplo do orçamento do Ministério da Ciência e Tecnologia, e os investimentos em cultura e comunicação social são maiores que os dos Ministérios correspondentes. Infelizmente, o segundo elemento da ironia é discutível.

Desde a descoberta de petróleo no pré-sal, os investimentos da Petrobrás saltaram de R\$16,5 bilhões, em 2006, para R\$ 76,4 bilhões, em 2010. O endividamento cresceu paralelamente, atingindo R\$ 117,9 bilhões no ano passado. Desse total, quase 40% representam dívidas com bancos públicos: BNDES, R\$ 36,3 bilhões; CEF, R\$ 5,66 bilhões;

e BB, R\$ 4,35 bilhões. Além disso, o BNDES detém quase R\$ 44 bilhões em ações da petroleira. Sobre tais empréstimos a Petrobrás paga taxas de juros internacionais, ao redor de 6% ao ano. Contudo o capital de empréstimo dos bancos públicos deriva de aportes do Tesouro, que capta a taxas de juros anuais em torno de 12%. A diferença é paga por todos os brasileiros, ricos e pobres, que financiam a dívida pública. O “imposto Petrobrás”, um tributo oculto, mas bem real, deveria conceder à Nação o direito de investigação das estratégias da petroleira. Mas quem está disposto a formular perguntas que incomodam o “Estado dentro do Brasil”?

A narrativa oficial, fixada pela bilionária publicidade da Petrobrás, sedimentada nos livros escolares, conta a epopeia de uma empresa triunfante, que fez

do mar a fronteira do petróleo no Brasil. É uma história de esforços hercúleos, rupturas tecnológicas, recordes de perfuração sucessivos sob uma lâmina d'água sempre mais profunda. Mas, e se, fora do olhar do grande público, existir uma história não contada? Lula: "A Petrobrás é motivo de orgulho para nós. Se fosse uma mulher, seria a mulher com quem toda mãe gostaria que o seu filho casasse". Mas, e se, sob o rosto imaculado da mulher perfeita, existir uma fria manipuladora, uma carreirista hábil, uma egoísta sem limites em busca de dinheiro, poder e prestígio?

A estatal foi fundada em 1953. Logo em seguida contratou os serviços do geólogo americano Walter Link, um renomado ex funcionário da Standard Oil, para avaliar o potencial petrolífero brasileiro. O Relatório Link foi preparado entre 1955 e 1960, com base apenas em levantamentos geológicos rudimentares. Ele recomendava que a Petrobrás voltasse as costas para o território continental, entregando-se à prospecção offshore. A primeira descoberta offshore deu-se em 1968 e seis anos depois a Petrobrás identificou petróleo na Bacia de Campos. Quando a empresa detentora do monopólio da exploração tinha apenas 15 anos, a marcha épica rumo às profundezas do mar já selava um destino: ninguém mais se preocuparia com o onshore.

Link quase nada conhecia sobre o potencial das bacias sedimentares onshore, que perfazem cerca de 5 milhões de km² do território brasileiro. Pouco se sabe até hoje. Desde

1953, foram perfurados cerca de 24 mil poços exploratórios onshore no Brasil, um número ridiculamente pequeno se confrontado com a prospecção em países de tamanho comparável. Nos EUA, perfuraram-se milhões de poços pioneiros. No Canadá, perfuram-se

anualmente pelo menos 25 mil poços, o equivalente a todas as perfurações pioneiras em terra na história petrolífera brasileira. A prospecção em terra custa uma fração da prospecção sob águas profundas. Os fantásticos investimentos offshore podem resultar em taxas de retorno insignificantes. Entretanto, redundam em imensa concentração de poder econômico e político. O "Estado dentro do Brasil" não busca exatamente petróleo, mas o incremento de seu próprio poder.

A descoberta de petróleo no pré-sal reproduz, em escala ampliada, os efeitos dos primeiros poços na Bacia de Campos. Meses atrás, sob o influxo de investimentos comparativamente modestos, empresas privadas anunciaram três grandes descobertas de gás em terra, no Maranhão, em bacia classificada como pouco atraente pelo Relatório Link. Índícios recentes sugerem que podem existir maiores reservas exploráveis onshore do que no pré-sal. As novidades, porém, não ultrapassaram o círculo dos iniciados. Ensurdecido pela fanfarra nacionalisteira do pré-sal, hipnotizado pelas imagens repetitivas de um Lula abraçado à bandeira verde e amarela, as mãos sujas de óleo, o público aplaude a nova encenação de uma farsa antiga. Homem ao mar: com vastos subsídios públicos ocultos, perfuraremos agora uma camada instável de 2 mil metros de sal, sob 7 mil metros de água.

"Eu penso que vai ter algum momento na História do Brasil que vai ter de ter eleição direta para presidente da Petrobrás, e ele indicará o presidente da República, tal é a capacidade de investimento", sugeriu Lula em 2008. Por ora, ocorre o o posto. O "Estado dentro do Brasil" serve aos seus próprios interesses de poder, mas serve também ao poder de turno, fazendo política enquanto prospecta petróleo. A Petrobrás impulsiona os negócios de empresas parceiras, moldando o comportamento político de poderosos empresários. A Petrobrás transfere fortunas para agências de publicidade que operam no tabuleiro da política partidária. A Petrobrás divulga peças de propaganda governista em período eleitoral. A Petrobrás patrocina os "amigos do rei"

nos movimentos sociais, em ONG e fundações diversas, na esfera opaca dos negócios “culturais”.

O “Estado dentro do Brasil” sabota ativamente a Agência Nacional de Petróleo, com a finalidade de restringir a concorrência no setor petrolífero. Ele triunfou na formulação do novo marco regulatório, que lhe reserva uma posição quase monopolista no pré-sal, e conseguiu protelar por três anos a retomada das rodadas de licitações de blocos exploratórios. “O petróleo é nosso” – e a Petrobrás, desgraçadamente, também.



SOCIÓLOGO, É DOUTOR EM GEOGRAFIA
HUMANA PELA USP. E-MAIL:
DEMETRIO.MAGNOLI@TERRA.COM.BR

Etanol dispara e governo cobra mais investimento - Valor Econômico - Agronegócios - 18/03/2011

A groenergia

De Brasília e São Paulo

Em reunião no Ministério da Fazenda, o governo cobrou ontem dos usineiros um plano de investimentos de longo prazo para evitar novos aumentos de preços do etanol e riscos ao abastecimento interno do combustível.

Em forte indicativo de que os estoques do produto estão muito apertados, seus preços tiveram novamente uma forte disparada ontem em São Paulo.

O indicador diário do etanol hidratado posto em Paulínia da Esalq/BVMF teve ontem valorização de 4,44% a R\$ 1.599,50 o metro cúbico (m³). No dia anterior, a alta fora ainda mais intensa, de 4,97%.

O plano de investimentos é uma solução para evitar situações extremas nos estoques e alta de preços. Fontes do governo informaram ao Valor que há preocupação com o impacto dos altos preços do etanol nos índices de inflação. A disparada dos preços do etanol afeta a gasolina, que tem 25% do derivado de cana-de-açúcar em sua composição.

“O foco é na inflação”, diz a fonte. O governo já fez chegar aos usineiros ameaças de instalar medidores de vazão nas indústrias para controlar vendas e calcular os estoques privados de forma mais realista.

Segundo uma fonte ouvida pela agência Reuters, para esta safra está descartada a possibilidade de mudança na mistura de etanol anidro à gasolina, hoje em 25%. “Não faz sentido mudar a mistura para esta safra. Não faz e f e i t o”, disse a fonte da Reuters, que pediu anonimato.

Além disso, segundo Hélio Pirani Fiorin, diretor do Sincopetro, que representa os postos de combustíveis de São Paulo, se a mistura de etanol anidro à gasolina fosse reduzida para 20% o valor da gasolina C ficaria mais alta ao consumidor. “Subiria R\$ 0,04 por litro, a não ser que o governo compensasse com redução da Cide (Contribuição de Intervenção do Domínio Econômico), como costuma fazer”, diz Fiorin.

No debate de ontem, os ministros Guido Mantega (Fazenda) e Edison Lobão (Minas e Energia) afirmaram que vão “monitorar de p e r t o” o setor. O governo também avalia que a melhor remuneração do açúcar, estimada 54% acima do etanol,

desestabilizou a produção.

Os usineiros rejeitaram a tese.

“Colocamos mais 15% de etanol no mercado e 56% da cana virou etanol”, afirma André Lins da Rocha, presidente do sindicato da indústria sucroalcooleira de Goiás.

O foco dos monitoramento de estoque entre governo e setor produtivo vem sendo também resolver o problema de curto prazo. Algumas usinas estão importando etanol dos Estados Unidos para dar mais conforto aos estoques. (MZ e FB)

Energia eólica avança e vai ao mercado livre - Josette Goulart - Valor Econômico - Capa - 29/03/2011

Josette Goulart De São Paulo

A energia eólica chega finalmente ao mercado livre neste ano. Duas grandes empresas de energia, a CPFL e a Tractebel, anunciaram investimentos de R\$ 1,2 bilhão em parques eólicos, cuja produção será exclusivamente negociada nesse mercado.

A CPFL Energia investirá R\$ 600 milhões em cinco parques geradores que terão capacidade para 150 megawatts, previstos para entrar em operação no terceiro trimestre de 2012, diz Wilson Ferreira Junior, presidente da companhia.

Com os investimentos já comprometidos pela empresa em leilões do governo federal, o total de projetos eólicos chega a R\$ 1,5 bilhão, a serem aplicados em dois anos. Já a Tractebel vai investir R\$ 625 milhões em outros cinco parques eólicos, também com capacidade de 150 megawatts, que deverão estar concluídos em outubro de 2012. Página B8

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Biodiesel

EUA: As 10 principais notícias sobre biodiesel para 2011 – Biodiesel Br – 02/03/2011

Em fevereiro o Comitê Nacional de Biodiesel dos EUA (NBB) realizou a sua conferência anual sobre o setor e afirmou que este biocombustível tem um futuro promissor nos EUA. A entidade elencou 10 motivos que farão o setor conquistar um ritmo recorde em 2011:

- 1. Vendas recordes de biodiesel.** Companhias de petróleo e demais partes envolvidas estão usando biodiesel, o primeiro biocombustível avançado de escala comercial dos Estados Unidos, para cumprir as exigências da Norma de Combustível Renovável (RFS2) estabelecida pela Agência de Proteção Ambiental americana. Em conjunto com o incentivo fiscal do biodiesel, que foi recriado, a RFS2 deve propiciar um aumento nas vendas de biodiesel.
- 2. Maior percepção de que biocombustível avançado é igual a biodiesel.** Você ainda vai ler e ouvir falar sobre o biodiesel como tipo ideal de biocombustível avançado. Com uma capacidade instalada de 2,5 bilhões de galões (quase 10 bilhões de litros), o biodiesel já é uma realidade.
- 3. Bioheat®:** De acordo com o site HeatingOil.com, o uso deste combustível verde em sistemas de calefação deve ser uma das cinco principais notícias de 2011.
- 4. Mais laboratórios e maior volume de biodiesel BQ9000.** Ainda mais produtores e postos de revenda de biodiesel devem participar da certificação BQ-9000, que combina especificações da ASTM D6751 com um programa de sistemas de qualidade.
- 5. Fabricantes de Equipamentos Originais aumentam a cobertura para biodiesel.** Ford, GM e Chrysler já autorizam o uso de misturas B20 ou até maiores em alguns de seus equipamentos. Novidades devem ser anunciadas em breve.
- 6. Fãs de biodiesel.** Um dos ônibus que transportará os vencedores na turnê do American Idol será movido a biodiesel, em um momento em que cada vez mais frotas nos Estados Unidos usufruem da queima mais limpa, menores emissões e demais benefícios do biodiesel.
- 7. Mais estados devem implementar políticas pró-biodiesel.** Especificações de

biodiesel estão sendo desenvolvidas em estados americanos como Minnesota e Pensilvânia. Em Nova York, um projeto de lei relacionado à qualidade do ar estipula o uso do Bioheat®, de queima mais limpa, nos sistemas de calefação de casas e prédios da cidade.

8. Biodiesel em oleodutos. A Europa vem transportando B5 por oleodutos há vários anos. Nos Estados Unidos, a Kinder Morgan testou o transporte de biodiesel em oleodutos, com grande sucesso, o que pode abrir novos mercados para o produto.

9. Preço do petróleo mais alto. Usuários de combustível devem voltar suas atenções para o biodiesel em um ano em que o Departamento de Informações Energéticas prevê que o preço do petróleo cru (do tipo West Texas Intermediate) deva custar em média US\$ 93 o barril, 14 dólares a mais que o preço médio de 2010.

10. Ainda mais apoio científico para o biodiesel. Mais de 200 cientistas, incluindo Cientistas da Nova Geração, já se manifestaram sobre as vantagens do biodiesel. Next Generation Scientists é uma organização para incentivar jovens cientistas a participar de pesquisas em biocombustíveis

Tradução BiodieselBR.com

Produção alemã de biodiesel chega a 2,6 milhões de toneladas - Biodiesel Br - 16/03/2011

As vendas totais de biodiesel em território alemão durante 2010 somaram 2,6 milhões de toneladas com outras 61 mil toneladas de óleos vegetais sendo utilizadas diretamente como combustível. Os dados são das mais recentes estatísticas publicadas pelo Escritório Federal para Controle da Economia e Exportação (BAFA, no original em Alemão).

Cerca de 2,3 milhões de toneladas foram misturados em 32,1 milhões de toneladas de diesel mineral, isso coloca o nível de mistura na Alemanha em pouco mais de 7,1%. As vendas de óleo vegetal combustível caíram de 100 mil toneladas em 2009 para 61 mil no ano passado. Os números colocam o biodiesel como o biocombustível mais importante do mercado alemão.

Somados, esses volumes são o suficiente para manter 2,65 milhões de carros rodando sem a necessidade de queimar uma gota de combustível de origem fóssil, evitando que 3,3 milhões de toneladas de gás carbônico fossem despejados na atmosfera. Isso é o suficiente para reduzir as emissões de gases formadores do efeito estufa em 35% e atende a diretiva 2009/28/EC da União Européia que estimula o uso de energias renováveis.

Segundo dados da União para a Promoção de Oleaginosas e Proteína Vegetal (UFOP no original alemão) 80% do óleo usado na produção alemã de biodiesel veio da colza. O que, segundo a organização, atende ao mandato da Ordenança de Sustentabilidade

dos Biocombustíveis da Alemanha que, desde janeiro passado, determina que só sejam usadas matérias-primas com origem comprovada em práticas agrícolas sustentáveis.

Fábio Rodrigues - BiodieselBR.com

Obama pode assinar acordo de bioquerosene com o Brasil - Biodiesel Br - 18/03/2011

Tema presente na agenda de Barack Obama desde a campanha presidencial de 2008, os biocombustíveis estão na pauta da visita do presidente americano ao Brasil, no próximo fim de semana. De acordo com o jornal O Globo, os governos dos dois países vão discutir, com a participação da iniciativa privada, a criação conjunta de um biocombustível para ser usado na aviação.

O Itamaraty informou, por meio de sua assessoria de imprensa, que realmente existem negociações em andamento entre os dois países, mas ainda não há confirmação de que o acordo de cooperação seja assinado durante a visita do presidente americano.

Em 22 de abril do ano passado, Obama elogiou o primeiro voo de um caça movido a biocombustível, um F/A 18 Super Hornet da Marinha dos EUA abastecido com uma mistura em partes iguais de querosene para aviação e um líquido obtido a partir do óleo de camelina (planta vulgarmente conhecida como linho-bastardo ou sésamo-da-alemanha).

Passados exatos sete meses, a companhia brasileira TAM Linhas Aéreas fez o voo experimental de um Airbus A320 que usou uma mistura de querosene de aviação com um biocombustível obtido a partir do óleo de pinhão-manso. O processamento do óleo e a mistura foram feitos nos EUA pela UOP LLC, empresa do grupo Honeywell. A aeronave partiu do Aeroporto Internacional Tom Jobim (Galeão), na Ilha do Governador, zona Norte do Rio, e sobrevoou o Oceano Atlântico por 45 minutos, no espaço aéreo brasileiro, retornando depois ao Galeão.

Ari Silveira - BiodieselBR.com

Brasil e EUA vão desenvolver biocombustíveis de aviação- Biodiesel Br - 21/03/2011

A visita do presidente Barack Obama ao Brasil serviu para os governos brasileiro e norte-americano estabelecerem, em Brasília, uma parceria para o desenvolvimento de biocombustíveis de aviação. "Como meio importante para reduzir as emissões de gases do efeito estufa do setor", diz o documento.

O ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, o ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota, e o embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Thomas Shannon, assinaram na manhã deste sábado (19), parceria para o desenvolvimento de biocombustível para aviação.

Segundo o acordo, a parceria deve "coordenar esforços para o estabelecimento de padrões e especificações comuns para biocombustíveis de aviação". Também foi assinado um protocolo para desenvolver e cooperar em estudos espaciais.

Os dois países prometem "fortalecer parcerias do setor privado mediante criação de ambiente favorável para pesquisa e círculos acadêmicos, bem como empreendimentos para desenvolver cooperação e iniciativas voltadas para o desenvolvimento de biocombustíveis de aviação". O acordo menciona ainda intercâmbio entre especialistas brasileiros e norte-americanos.

Segundo o ministro Edison Lobão, "faz muito tempo que nós já usamos cotidianamente biocombustíveis nos nossos carros, tratores, ônibus e caminhões, seja com etanol, seja com biodiesel e agora vamos caminhar, também, para um mundo mais limpo com o desenvolvimento do bioquerosene para aviação", disse.

Os seguintes órgãos do governo brasileiro foram escalados para tratar da parceria: Casa Civil, Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), Agência Nacional do Petróleo (ANP), Ministério de Minas e Energia, Ministério da Agricultura e Ministério da Defesa.

A parceria complementa e amplia o Memorando de Entendimento para Biocombustíveis firmado entre o Brasil e os Estados Unidos em março de 2007.

Etanol

Kuait, Emirados e Nigéria estudam aumentar produção diante de crise – Mundo
– Folha de São Paulo – 08/03/2011

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS - Alguns integrantes da Opep, o cartel dos países exportadores de petróleo, juntaram-se à Arábia Saudita ontem na decisão de aumentar a produção do combustível para brejar a alta dos preços.

Na tentativa de dirimir o medo de uma queda na oferta, o Kuait, os Emirados Árabes Unidos e a Nigéria decidiram aumentar sua produção nas próximas semanas.

Ontem, o petróleo Brent fechou em US\$ 115,04 o barril, em queda de 0,8%. Mas, durante o dia, chegou a US\$ 118,50, maior nível desde setembro de 2008, e fez as Bolsas despencarem. Nos EUA, os preços fecharam em US\$ 105,44 o barril, alta de 0,98%.

Os integrantes da Opep, que controla 40% da oferta mundial de petróleo, estão divididos. Enquanto os sauditas reagiram rapidamente à crise líbia e aumentaram sua produção, a Argélia e o Irã se opõem a elevação na oferta.

Executivos da indústria de petróleo afirmaram que Nigéria, Kuait e Emirados podem aumentar sua produção em 300 mil barris por dia nas próximas semanas. Os sauditas já aumentaram sua produção em 700 mil barris por dia.

Se esse aumento realmente ocorrer, aliado à alta na produção saudita, iria compensar quase completamente a queda de produção da Líbia.

Nos EUA, o presidente Barack Obama, já está analisando a possibilidade de o país usar suas reservas estratégicas de petróleo para conter a alta da gasolina.

Preço cai com aposta em aumento da produção – Mercado – Folha de São Paulo – 09/03/2011

O preço do petróleo caiu ontem nos EUA com a aposta de que a Opep (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) irá aumentar a produção.

O barril terminou o dia a US\$ 105,02 em Nova York (queda de 0,4%). Na segunda, o preço era US\$ 105,44. Em Londres, o barril de Brent foi de US\$ 115,04 na segunda para US\$ 113,06 (queda de 1,72%).

Há mais de dois anos a Opep não altera suas políticas. Ontem, a Arábia Saudita disse ter reservas para atender à demanda global.

Relatório rebate subsídio americano – Mercado – Folha de São Paulo – 10/03/2011

Texto do órgão de governança do Congresso aponta que o subsídio de US\$ 0,45 para a mistura de etanol à gasolina, que custará US\$ 5,7 bi em 2011 aos EUA, se tornou desnecessário para estimular a produção. A exigência de aumentar o uso de combustíveis renováveis até 2022 seria suficiente.

BP compra produtora de etanol CNAA, em acordo de US\$ 680 milhões – Eduardo Magossi – Negócios – O Estado de São Paulo – 12/03/2011

A BP Biofuels do Brasil, braço de energia renovável da petrolífera britânica BP, anunciou ontem a compra de 83% da produtora brasileira de etanol Companhia Nacional de Açúcar e Alcool (CNAA), em um acordo de US\$ 680 milhões, incluindo dívidas. Essa é a segunda aquisição de usinas de etanol de cana-de-açúcar em território brasileiro e a maior já realizada pela BP em energia renovável.

O grupo britânico já possui, desde 2008, 50% da Usina Tropical BioEnergia, localizada em Goiás. A BP foi a primeira empresa petrolífera a entrar no negócio de etanol de cana. No ano passado, chegou a negociar com exclusividade a compra da Cerradinho. Mas, depois de quatro meses de negociação, os grupos não chegaram a um acordo e as usinas acabaram sendo adquiridas pela trading Noble Group. Segundo o presidente da BP Biofuels do Brasil, Mario Lindenhayn, a nova aquisição vai aumentar a capacidade de produção da companhia no Brasil para cerca de 1,4 bilhão de litros de etanol por ano em um prazo de cinco anos. Hoje, são 435 milhões de litros. A compra de 83% da CNAA significa uma mudança de estratégia da BP, que vinha se pautando no objetivo de ter o “controle compartilhado”, com até 50% do capital das usinas.

A CNAA foi formada em 2007, com uma joint venture entre o grupo Santelisa Vale(hoje incorporado pela Louis Dreyfus Commodities - LDC) e um pool de fundos de investimentos estrangeiros, entre eles o Riverstone, do Carlyle Group,além do Goldman Sachs, Global Foods e Discovery Capital. Os investidores, porém,foram surpreendidos pela crise financeira global, que tornou inviável a manutenção dos aportes ainda necessários na empresa – cujo retorno mostrou-se ser de maior longo prazo que o esperado inicialmente. Por isso a decisão da venda do controle.

A empresa tem hoje duas usinas – a Itumbiara, em Goiás, e a Ituiutaba Bioenergia, no Triângulo Mineiro. Uma terceira usina, a Campina Verde, em Minas Gerais, está em construção.

Sociedade. Segundo Lindenhayn, a LDC permanecerá com 17% da CNAA. A LDC já é sócia da BP na Tropical Bioenergia,onde detém uma participação de 25% – os 25% restantes são da Brasil Eco diesel.O executivo disse também que a efetivação do negócio deve sair ainda no primeiro semestre, depois de os órgãos competentes analisarem a transação. Lindenhayn disse que a BP demonstrou interesse pela CNAA há cerca de um ano e que as negociações começaram no final de 2010.

As duas usinas já prontas da CNAA têm capacidade de processamento instalada de 2,5 milhões de toneladas de cana por ano.O objetivo da BP é expandir essa capacidade para 5 milhões de toneladas no médio prazo para cada uma das unidades. Além disso,o cronograma da BP prevê que, até a safra 2012/13, que começa em abril de 2012, a usina Campina Verde já esteja operando. “Estamos com mais de 50% das obras concluídas”, disse o executivo. Segundo ele, em cinco anos, o objetivo é ter 15 milhões de toneladas de cana processadas pelas três usinas, 5 milhões de toneladas em cada.

“Se toda a cana for direcionada para a produção de etanol, produziremos 1,4 bilhão de litros”, disse ele, ressaltando que esses números não incluem os resultados da Tropical BioEnergia. Na última safra, a CNAA colheu 3,5 milhões de toneladas de cana. O grupo não informou o volume de produção de açúcar.

Lindenhayn disse ainda que a BP pretende construir unidades de produção do combustível biobutanol vinculadas às usinas da CNAA.O biobutanol é um combustível renovável que pode ser produzido com cana-de-açúcar. Foi desenvolvido pela BP em uma joint venture feita com a DuPont, chamada Butamax, para ser usado como substituto para os combustíveis fósseis.

Alta do petróleo deve render acordo entre Brasil e EUA- Lu Aiko Otta – Economia – O Estado de São Paulo – 14/03/2011

Crise no Oriente Médio pode acelerar parceria dos dois países em projetos de energia, um dos temas da visita de Obama ao País

A crise no Oriente Médio poderá dar impulso aos entendimentos entre Brasil e Estados Unidos na área de energia. “A tendência de alta do petróleo cria oportunidade para maior discussão sobre energias renováveis”, avalia o diretor executivo da Confederação Nacional da Indústria (CNI), José Augusto Fernandes. Pela mesma razão, deverá crescer o interesse dos americanos na exploração do pré sal.

Energia é o tema de um dos painéis da reunião que será promovida pela CNI e pela Câmara de Comércio dos EUA no próximo sábado, durante visita do presidente dos EUA, Barack Obama, a Brasília.Também serão discutidas oportunidades de parceria na área de infraestrutura, principalmente na Copa do Mundo e na

Olimpíada. Obama deverá fazer o discurso de encerramento dessa reunião, da qual deverão participar cerca de 500 pessoas.

Paralelamente, será realizado o Fórum de CEOs dos dois países. Esse, porém, é um encontro mais restrito, do qual participarão uma dezena de empresários de cada lado, além de representantes dos governos.

Caso do etanol. No campo das energias renováveis, a aliança entre Brasil e EUA em torno do etanol sofreu recentemente um revés. Havia expectativa, do lado brasileiro, que na virada do ano fosse eliminada a sobretaxa de US\$ 0,54 por galão cobrada sobre o etanol que ingressa naquele país. A legislação previa que ela seria cobrada até o dia 31 de dezembro de 2010. No entanto, o Congresso americano renovou a penalidade aplicada sobre o produto importado.

Fernandes acredita que, com a crise no Oriente Médio, a discussão ganhará novo fôlego. “Há oportunidade tanto na eliminação de tarifas quanto no aumento da participação do etanol em misturas”, avalia.

Diante dos conflitos naquela região, o pré-sal também ganha nova importância estratégica, acredita. “O Brasil passará a ser um dos maiores produtores do mundo e está numa região segura”, diz. Nesse campo, os negócios entre os dois países vão de vento em popa, a ponto de já haver voo direto entre o Rio de Janeiro e a cidade de Houston, onde estão sediadas grandes empresas petrolíferas americanas.

Fernandes observou que a Petrobrás trabalha em rede, ou seja, utiliza um conjunto de empresas associadas para explorar petróleo. Ele acredita que os EUA terão interesse em manter contratos de longo prazo com a estatal brasileira.

O segundo painel da reunião tratará das oportunidades de investimento em infraestrutura, tendo em vista a realização da Copa e da Olimpíada. Fernandes observa que a GE e a IBM, por exemplo, já criaram centros de pesquisa e desenvolvimento no Brasil, ambos no Rio de Janeiro. O objetivo é atuar na exploração de petróleo e gás, mineração, e na gestão de grandes eventos.

Bitributação. Empresários dos dois países deverão discutir ainda um tema que está há mais de uma década na agenda: a necessidade de um acordo para evitar a bitributação de empresas que atuem em ambos os países. Na avaliação de Fernandes, um desafio que se coloca a Obama e à presidente Dilma Rousseff é concordar com um método de discussão que leve à resolução do problema.

Empresários dos dois países também deverão discutir temas da agenda multilateral, como as negociações da Rodada Doha da Organização Mundial do Comércio (OMC) e as medidas para aumentar a segurança no mercado financeiro em discussão no G-20. “Até pela mudança do papel do Brasil no mundo, o diálogo assume importância maior”, comenta Fernandes.

O etanol na visita de Obama- Marcos Sawaya - Espaço Aberto – O Estado de São Paulo – 15/03/2011

A visita do presidente Obama ao Brasil no próximo fim de semana vai reforçar a agenda proativa em áreas vitais como políticas públicas, inovação tecnológica, educação, energia e infraestrutura. Um dos pontos mais importantes da agenda são as energias alternativas e, particularmente, o etanol, em que EUA e Brasil respondem por 80% da produção mundial.

Após 30 anos de fortes incentivos, em 2011 a indústria americana vai produzir 49 bilhões de litros de etanol, quase o dobro da produção brasileira (28 bilhões de

litros) e certamente não pode mais ser chamada de “nascente”. O mandado federal do Padrão de Combustível Renovável (RFS-2) garante uma demanda anual de 57 bilhões de litros para o etanol de milho até o final desta década. Garante, ainda, outros 80 bilhões de litros para os chamados “biocombustíveis avançados”, que são aqueles que reduzem em mais de 50% as emissões de gases de efeito estufa em relação à gasolina. Em 2009, a Agência de Proteção do Meio Ambiente dos EUA (EPA) concedeu o status de “biocombustível avançado” ao etanol brasileiro, produzido da cana-de-açúcar, ao reconhecer que o produto reduz entre 61% e 91% a emissão de gases de efeito estufa.

Além do mandado obrigatório de mistura na gasolina, o governo americano protege sua indústria com subsídios que já somam mais de US\$ 6 bilhões/ano (US\$ 0,12/litro) e com uma tarifa de importação de US\$0,16/litro, ou 30% do valor FOB do produto. Essa tarifa absurda viola as leis de comércio internacional e prejudica principalmente os próprios americanos, ao aumentar o custo de energia. Com a eliminação da tarifa, à semelhança do que fizemos com a tarifa brasileira, nosso produto poderia ajudar os americanos a reduzir gastos na bomba de combustível, diminuir a sua dependência do petróleo de regiões “pouco amigáveis” e melhorar o meio ambiente, reduzindo a poluição atmosférica e mitigando o aquecimento global. A campanha publicitária que fizemos nos EUA em 2010 permitiu alcançarmos mais de 170 editoriais em jornais de peso de 40 Estados. Por meio de sites e redes sociais, conseguimos mobilizar cerca de 80 mil americanos que enviaram cartas ao Congresso pedindo o fim da tarifa. A União da Indústria da Cana-de-açúcar (Unica) foi reconhecida como importante porta-voz no debate interno sobre a matéria.

Neste primeiro encontro entre os dois presidentes, esperamos que Dilma insista para que Obama exerça a sua liderança no Congresso americano e impeça que essa tarifa, que já não faz nenhum sentido, seja novamente renovada ao final de 2011. Vale destacar que alguns analistas têm afirmado que o Brasil hoje dispõe de pouco etanol para a exportação, já que a indústria parou de crescer nos dois últimos anos. De fato, a partir da crise financeira de 2008 o setor sucroenergético brasileiro enfrentou um período extremamente difícil, que produziu balanços negativos e um importante movimento de consolidação que atingiu cerca de 30% do setor, agravado por problemas climáticos, aumento dos custos de produção e sobrevalorização do real. Mas é bom lembrar que nos sete anos anteriores, de 2001 a 2008, havíamos duplicado nossa produção de cana-de-açúcar para atender ao crescente mercado de carros flex e que é possível encontrar as condições para um novo ciclo de crescimento do setor, com competitividade e sustentabilidade, que permitirá atender às demandas interna e externa.

Em 2007, Brasil e EUA assinaram um memorando de entendimentos em biocombustíveis que previa cooperação em pesquisa, padronização do produto e desenvolvimento de produção em terceiros mercados. Na nossa visão, o memorando avançou menos do que gostaríamos. É hora de ampliar o que existe e incorporar novas áreas de cooperação como o uso de biocombustíveis na aviação civil e militar, o reconhecimento dos biocombustíveis na agenda global de sustentabilidade e mudança do clima e a necessidade de diversificação energética do planeta num momento em que o preço do petróleo novamente explode em razão das instabilidades no Oriente Médio. É também fundamental que o setor privado tenha uma participação mais ativa no processo.

Acreditamos, também, que precisamos urgentemente ampliar a agenda de investimentos e comércio entre os dois países, que devem assumir um papel de liderança no Hemisfério Ocidental na área energética. No caso dos biocombustíveis, a

melhor forma de garantir esse objetivo é a liberdade de investimentos e competição em mercados abertos, como ocorreu historicamente com o petróleo e tantas outras commodities relevantes. Estamos utilizando só 1,5% de nossas terras aráveis para produzir etanol de cana-de-açúcar e podemos facilmente dobrar a produtividade de energia por hectare, com o pleno aproveitamento de sua biomassa (bagaço e palha). Com o caldo de cana, diversificamos do alimento açúcar para o combustível etanol. Hoje estamos avançando na energia elétrica e em novos biocombustíveis avançados feitos da biomassa e biotecnologia. Começamos a entrar na era dos bioplásticos, do diesel e da querosene de aviação feitos de sacarose, da gaseificação e das grandes biorrefinarias.

O pré-sal transformará o Brasil num importante exportador de petróleo para o mundo e, particularmente, para os EUA, como bem destacou Dilma num recente pronunciamento. Os produtos de baixo carbono oriundos da fotossíntese das plantas cultivadas (cana-de-açúcar, milho, beterraba, etc.) e da biomassa em geral (bagaço, palhadas, capins, restos de madeira, etc.) poderão colocar-nos na vanguarda do mundo pós-petróleo. São esses os temas que Dilma e Obama precisam trabalhar e assumir a liderança, olhando para os grandes desafios da humanidade ao longo do século 21.

Obama diz a empresários que Brasil e EUA farão parceria 'verde' para desenvolver fontes de energia limpa e renovável – O Globo – 19/03/2011

BRASÍLIA - Em discurso organizado pela Confederação Nacional da Indústria no centro de convenções Brasil 21, em Brasília, o presidente dos EUA, Barack Obama, ressaltou o crescimento e a força da economia brasileira. Segundo ele, nos últimos dois séculos nunca houve um momento com tantas promessas futuras para o Brasil.

- Muitos dizem que o Brasil é o país do futuro, então o futuro chegou - disse Obama, ressaltando que o país se colocou na dianteira como uma potência econômica e financeira.

- Não chegaram aqui apenas por uma questão de sorte - afirmou citando como líderes Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva.

Leia mais: Obama arrisca palavras em português e lamenta ter perdido o carnaval

O presidente americano alegou que os dois países vão gerar um trabalho de "parceria verde", para desenvolver fontes de energia limpa e renovável, já que o país é um grande produtor desse tipo de energia com o etanol, assim como os EUA são um grande produtor de baterias automobilísticas. Ele ressaltou também que ambos os países ainda têm dependência do petróleo.

- O petróleo descoberto aqui pode representar duas vezes as reservas americanas. Queremos ajudar a desenvolvê-las de forma segura, para depois sermos seus maiores clientes. Os EUA não poderiam estar mais contentes com o potencial de uma nova fonte estável de energia - afirmou, acrescentando que deseja ser parceiro do país em desenvolvimento de biocombustíveis.

Segundo ele, os Estados Unidos apoiam o crescimento do Brasil como uma potência global, e os EUA trabalham para que o Brasil tenha um protagonismo no G20 e em outras instituições, como FMI e Banco Mundial, e isso fez com que o Brasil fosse o primeiro país visitado por ele em sua viagem à América Latina.

Ele resumiu o teor dos dez acordos que foram assinados entre os dois

governos e disse que uma aproximação com o governo brasileiro vai permitir também aos EUA estreitar laços com outros países emergentes, como China e Índia.

Obama lembrou ter assinado com a presidente brasileira um acordo econômico e financeiro para "promover a cooperação econômica e reduzir número de regulações".

- Sabemos que o Brasil tem problemas com certas políticas implementadas nos EUA e queremos ajudar a resolver qualquer desafio nesse sentido.

Obama ressaltou que a relação comercial tem duas vias e que os EUA importam muito da produção brasileira, gerando emprego e renda no Brasil.

- Não há dúvida de que os EUA e o Brasil se beneficiam dos laços econômicos e o fortalecimento desses laços é positivo para as duas nações.

Segundo Obama, algumas das principais áreas em que os dois países precisam aumentar a cooperação, além da energética, são a educação e a infraestrutura, principalmente pelos dois grandes eventos esportivos que o país sediará, referindo-se à Copa do Mundo de 2014 e aos Jogos Olímpicos de 2016, no Rio.

- Empresas americanas estão dispostas a ajudar nessa construção para que o Brasil seja vencedor.

Este foi o terceiro discurso que o presidente Obama fez hoje no Brasil. O primeiro foi junto com a presidente Dilma e o segundo foi no encerramento do encontro de CEOs no Itamaraty.

Capitalismo X Justiça Social

O presidente americano afirmou ainda que o Brasil conseguiu mostrar que o capitalismo pode existir junto com uma preocupação com justiça social. Ele ressaltou o papel do Brasil na formação de uma nação de imigrantes que encontra força na diversidade e que consegue se consolidar como uma das maiores democracias do mundo.

Vivemos a mesma história, queremos realizar o sonho americano juntos

Para encerrar, Obama falou que nos EUA se compartilha o "sonho americano, em que todos têm a capacidade de prosperar" e disse que esse sonho também existe no Brasil.

- Brasília começou como um sonho e nesse sonho também há a oportunidade para todo cidadão brasileiro. Vivemos a mesma história, queremos realizar o sonho americano juntos.

© 1996 - 2011. Todos os direitos reservados a Infoglobo Comunicação e Participações S.A.

Biocombustíveis sob pressão mais uma vez - Assis Moreira - Valor Econômico - Agronegócios - 22/03/2011

Relatório de nove agências releva preocupação com possível disputa entre produto e alimentos

Assis Moreira

De Genebra

A pressão contra a produção de biocombustíveis voltou à agenda, agora num relatório de nove organizações internacionais que será examinado no encontro de vice-ministros de agricultura do G-20, amanhã e quinta-feira em Paris.

O documento foi preparado em resposta a uma demanda dos líderes das maiores economias desenvolvidas e emergentes para tratar de questões de segurança alimentar no contexto de uma das maiores altas dos preços dos alimentos desde 2008, que causou inclusive revoltas populares em países importadores.

Em janeiro, o presidente francês Nicolas Sarkozy, que ocupa a presidência rotativa do G-20, foi incisivo, declarando que “a especulação cria revoltas da fome”. Semanas depois, a ministra de Finanças do país, Christine Lagarde atenuou o tom: “Não dizemos que a especulação alimenta a alta de preços”.

A FAO, agência de agricultura e alimentação da Organização das Nações Unidas, a OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico) e mais sete agências internacionais constataam a crescente especulação financeira sobre o mercado de commodities, mas não chegam a um acordo sobre até que ponto esse comportamento especulativo tem um papel na alta dos preços dos alimentos.

O documento insiste sobre a importância de maior cooperação entre os países do G-20 para mitigar os efeitos negativos da alta de preços, por exemplo através de mais transparência no mercado agrícola, envolvendo estoques, oferta, demanda e transações de derivativos.

Mas vai além e expressa igualmente “preocupações” em relação ao crescente uso de biocombustíveis sobre o suprimento global de alimentos, conforme fontes que tiveram acesso ao estudo confidencial.

O Brasil sinalizou inquietação com essa questão, já que o relatório fala de maneira genérica e sem fazer diferenciação entre o impacto da produção de etanol a partir de milho nos Estados Unidos sobre o mercado de alimentos e o do etanol produzido à base de cana-de-açúcar.

Para uma fonte, “com esforço” seria possível identificar nas entrelinhas uma nuance contra o etanol americano, que os técnicos evitaram explicitar, para não enfrentar a reação americana à sua produção de etanol.

O documento também reclama do impacto de restrições à exportação de produtos agrícolas, iniciativa tomada por Rússia e Ucrânia após quebra na safra e que elevou os preços de cereais.

Sempre na linguagem diplomática, essas agências indicam ser contrárias a controle de preços no mercado agrícola internacional.

Quanto à criação de estoques regionais de alimentos, isso poderia eventualmente ser estimulado em casos de emergência em países pobres.

Como se previa, as ideias de controle de preço ou formação de estoques regionais de alimentos foram enterradas, depois da reação do Brasil, Argentina, EUA e outros países exportadores.

A reunião de amanhã e quinta-feira em Paris prepara o grande encontro de ministros de agricultura do G- 20 nos dias 22 e 23 de junho na capital francesa, durante o qual a França quer levar adiante o seu projeto de regular o mercado futuro de commodities para evitar a especulação .

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Claudia Job Schmitt, Fábio Luiz Búrigo, Georges Flexor,
Jorge Romano, Lauro Mattei, Leonilde Medeiros,
Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf

Assistentes de Pesquisa

Catia Grisa, Karina Kato, Luiza Mariano de Lima Araujo,
Sílvia Zimmermann, Valdemar João Wesz Junior

Secretária
Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

cpda

Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214

Fax: 21 2224 8577 – r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa